

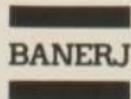
T E R R I T Ó R I O
O C U P A D O

TERRITÓRIO OCUPADO

Dezembro – Janeiro 1987

ESCOLA DE ARTES VISUAIS DO PARQUE LAGE

DEPARTAMENTO DE CULTURA
SECRETARIA DE CIÊNCIA E CULTURA
FUNDAÇÃO DE ARTES DO RIO DE JANEIRO
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO



BANCO DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO S.A.



FUNARJ



A Escola de Artes Visuais do Parque Lage é um dos mais importantes centros produtores de cultura no Brasil. A antiga casa de Gabriella Bezanzone Lage abriga, hoje, em suas dependências, cerca de 1.000 alunos interessados em desenvolver seus conhecimentos nas mais variadas técnicas artísticas. Ao mesmo tempo ela vem promovendo, nesses últimos anos, uma série de eventos de repercussão nacional. As exposições "Como vai você, Geração 80?", "Pau, Pedra, Fibra, Metal", "Velha Mania", "Rio Narciso", além das pinturas nos muros externos do Parque Lage e diversos outros eventos nas áreas de música, da dança, do teatro, da poesia, fizeram da Escola de Artes Visuais presença constante nos cadernos culturais da imprensa, palco de grandes acontecimentos que caracterizam a arte brasileira dessa década. Ela é, portanto, patrimônio cultural de todo o país. A sua sede é uma conquista irrevogável das artes plásticas brasileiras. A legalidade cultural dessa posse exige o seu reconhecimento oficial, a fim de que os diversos produtores e animadores culturais que nela atuam não sofram indesejáveis pressões. A inteligência e a sensibilidade hão de vencer a batalha contra a mediocridade e a intolerância. O que todos nós esperamos é que o conjunto do Parque Lage possa se transformar, cada vez mais, num centro atuante, prestando serviços à comunidade, integrando lazer e cultura. Esse é o espaço das artes, território da inteligência.

"Território Ocupado", título sugerido pelo companheiro Paulo Roberto Leal, reúne 41 importantes artistas plásticos brasileiros contemporâneos, ligados afetivamente e/ou profissionalmente à Escola de Artes Visuais. A mostra, cuja realização só se tornou possível graças às presenças do Banco do Estado do Rio de Janeiro, à Fundação de Artes do Estado do Rio de Janeiro e da Prefeitura do Município do Rio de Janeiro, apresenta trabalhos das mais variadas vertentes da produção contemporânea. Não se preocupou, dentro do espírito democrático e pluralista que a Escola sempre se propôs a defender, favorecer determinada corrente ou estilo de trabalho artístico. Ao contrário, os curadores da mostra acreditam que essa variedade permite desenvolver a sensibilidade particular de cada espectador e atesta a riqueza e vitalidade da arte brasileira. A instituição abre as suas portas para a liberdade, território de ocupação do sensível.

Aos artistas convidados não foram impostos limites de espaço. Cada um, dentro de seus conhecimentos e de seus interesses, determinou seu espaço de atuação, seu território regido por sua ciência, respeitando, evidentemente, as justas restrições que um bem tombado deve impor. A exposição é o resultado do afeto de professores, alunos e funcionários, por um território regido pela dedicação e pelo trabalho, cotidiano, em favor da sensibilidade. A exposição é um passeio afetivo pelos caminhos da arte, pelos seus corredores,

por suas salas, por seus atalhos e suas avenidas, por suas manhãs, suas tardes e suas noites, pelas suas descobertas: revelar os mistérios e a ciência da criação.

Finalizando, permitam-me um tom mais pessoal: nesses três anos em que dirijo as atividades da Escola de Artes Visuais, foram inúmeros os momentos de prazer e de satisfação. As dificuldades e os problemas administrativos jamais prejudicaram a minha felicidade por estar trabalhando pela cultura de minha cidade natal. A Escola é a cara do Rio. E isso é muito bom, pois o Rio é lindo. Agradeço a todos que colaboraram nesse nosso projeto, aos funcionários dedicados da EAV, aos professores e alunos, aos amigos que ganhei nesses últimos anos. Registro, porém, um agradecimento especial ao ex-Secretário de Ciência e Cultura de nosso estado, Prof. Darcy Ribeiro, de quem sempre recebi integral apoio na defesa pela manutenção e desenvolvimento da Escola. Graças a esse apoio a Escola de Artes Visuais do Parque Lage pode, hoje, apresentar uma folha bastante considerável de serviços prestados ao povo de nosso Estado. Sinto-me honrado por ter, modestamente, integrado a equipe de intelectuais que, sob a liderança do ex-Secretário, conduziram os investimentos oficiais do Estado do Rio de Janeiro na área cultural.

Marcus de Lontra Costa
Rio. dezembro. 1986.

PEDE—SE ULTRAPASSAR O LIMITE

Uma maldição se abateu sobre a velha casa: ela foi transformada em museu... A frase, de Valéry Larbaud, dá bem a medida do destino a que se submetem certos momentos do passado que, se por si só já não teriam maior relevância, têm ainda a possibilidade de sua atualização neutralizada por uma manobra institucional que os transforma em tabu, cria limites, coloca uma sinalização restritiva: “é proibida a entrada de pessoas estranhas”, “é proibido tocar nos objetos”, “é proibido pisar na grama” (quem não souber ler pergunte ao guarda...).

De todas as maneiras de se ocupar um território, a mais freqüente é a que estabelece uma distinção entre si e os outros, aquela que divide para melhor controlar, que cria fronteiras para melhor cobrar os impostos. Mas há também, apesar de raras, as situações em que o território é ocupado para melhor fazer caírem as barreiras. Zero de comportamento...

Em várias ocasiões, a velha construção do Parque Lage viu caírem as barreiras para dar lugar à afirmação de uma atualidade que, originalmente, ela talvez não tenha tido. Há pouco mais de dois anos, “Como vai você, Geração 80?” transformou um movimento latente em realidade. Mais de cem artistas viram a possibilidade de trazer para o mundo real uma produção até então pulverizada pelos ateliês e algumas galerias.

Depois, foram os muros do parque, uma cerca branca da qual se soube fazer tábula rasa e imprimir um novo significado. Agora, mais uma vez o prédio está sendo ocupado para melhor abrir seu espaço à atualidade e sair dos limites institucionais a que poderia ficar restrito.

A ocupação do território, como nas vezes anteriores, não pretende estabelecer restrições. É um convite a ultrapassar os limites, mostrando que a velha construção eclética ainda pode ser aquecida com algo mais do que a memória de um passado de glória aliás incerta. É uma demonstração de vitalidade a que poucos prédios semelhantes podem fazer frente: o estilo é quase defunto, mas serve como suporte indiscutível a uma atualização constante. Desde que não se faça dela um museu. O que não se pretende fazer com esta ocupação, que transforma as salas de aula em um território livre, um porto aberto a quem vier, sem preconceitos, sem restrições.

Não que não haja critérios de ocupação: afinal, nem tudo o que existe se presta a ser transformado em bandeira de liberdade. Mas os critérios são tão amplos quanto são amplas as tendências chamadas a entrar pela Escola de Artes Visuais, portas abertas de par em par “para deixar entrar o sol e espantar os fantasmas”. Uma ocupação alegre, em plena luz do dia, que começa no gramado diante do pórtico e se estende até os fundos

do prédio, atravessando corredores, galerias, salas e até mesmo a piscina. E que só atinge seu objetivo final quando for seguida pela segunda onda de ocupação, a do público, que dá o sentido ao que ali dentro foi realizado.

“Como vai você, Geração 80?” não foi apenas uma exposição, foi uma festa, como festa também ainda é o muro do Parque, em plena rua Jardim Botânico, uma maneira de trazer a atividade das salas da Escola para o ar livre, à vista de todos. Mas foi mais do que isto. Foi também um meio de devolver à comunidade aquilo de que o artista se apropria em sua atividade, a maioria das vezes solitária. Há quem discuta o resultado. Não se pode discutir o gesto.

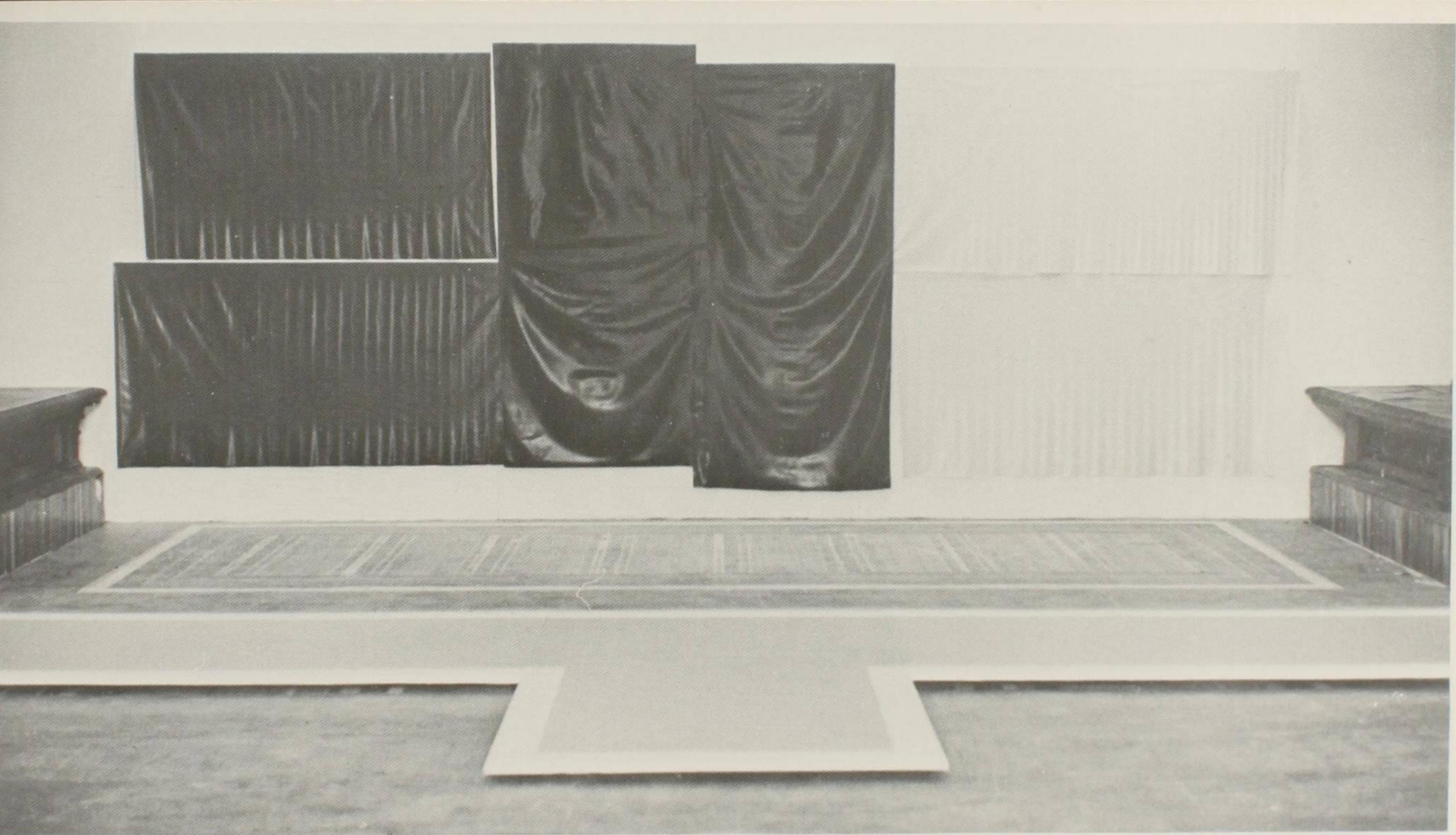
“Território ocupado” também precisa ser uma festa, e precisa ser igualmente uma forma de entregar ao público aquilo que a arte lhe toma emprestado para se reproduzir. Os 41 artistas que irão invadir o território normalmente dedicado ao ensino têm muito pouco em comum além do fato de se dedicarem a uma mesma atividade, e o resultado pode ser tão eclético quanto o próprio prédio que os abriga. Mas a intenção não é a de apresentar uma proposta una e monolítica, e sim mostrar que, na diversidade, ainda há uma possibilidade de liberdade. E que uma escola de arte ainda pode ser um dos poucos lugares em que surjam propostas de

liberdade através da diversidade.

Apesar das tentativas de reduzir a atividade artística a certos denominadores comuns (em parte por necessidade intelectual, mas em parte também como forma de controle), a arte tem-se mostrado um dos territórios mais resistentes à catalogação, à rotulação e ao esquematismo. “Território Ocupado” é uma evidência disto, uma demonstração inequívoca de que a arte contemporânea, ao recusar a satisfação com modelos transmitidos pela tradição, se dispôs a pensar sobre si mesma e sobre o mundo, refletir sobre aquilo que faz e sobre o que se espera dela. E afirmar, a todo momento, que ela é uma das principais instâncias do pensamento na atualidade, onde tudo é submetido à prova, tudo é testado e retestado incessantemente, um laboratório vivo onde o mundo é submetido a uma das suas provas mais radicais. Quando os limites do positivo são ultrapassados em uma direção mais aventureira, mais aventureira por vezes, mas exatamente por isso com um potencial infinitamente mais fértil do que os hábitos do cotidiano, tradicionalmente conservadores, permitem imaginar. Por isso, o que se deve pedir à arte — e aos artistas — nesse momento é que ultrapassem os limites e ocupem o território.

Reynaldo Roels Jr.
novembro de 1986

ADRIANO DE AQUINO

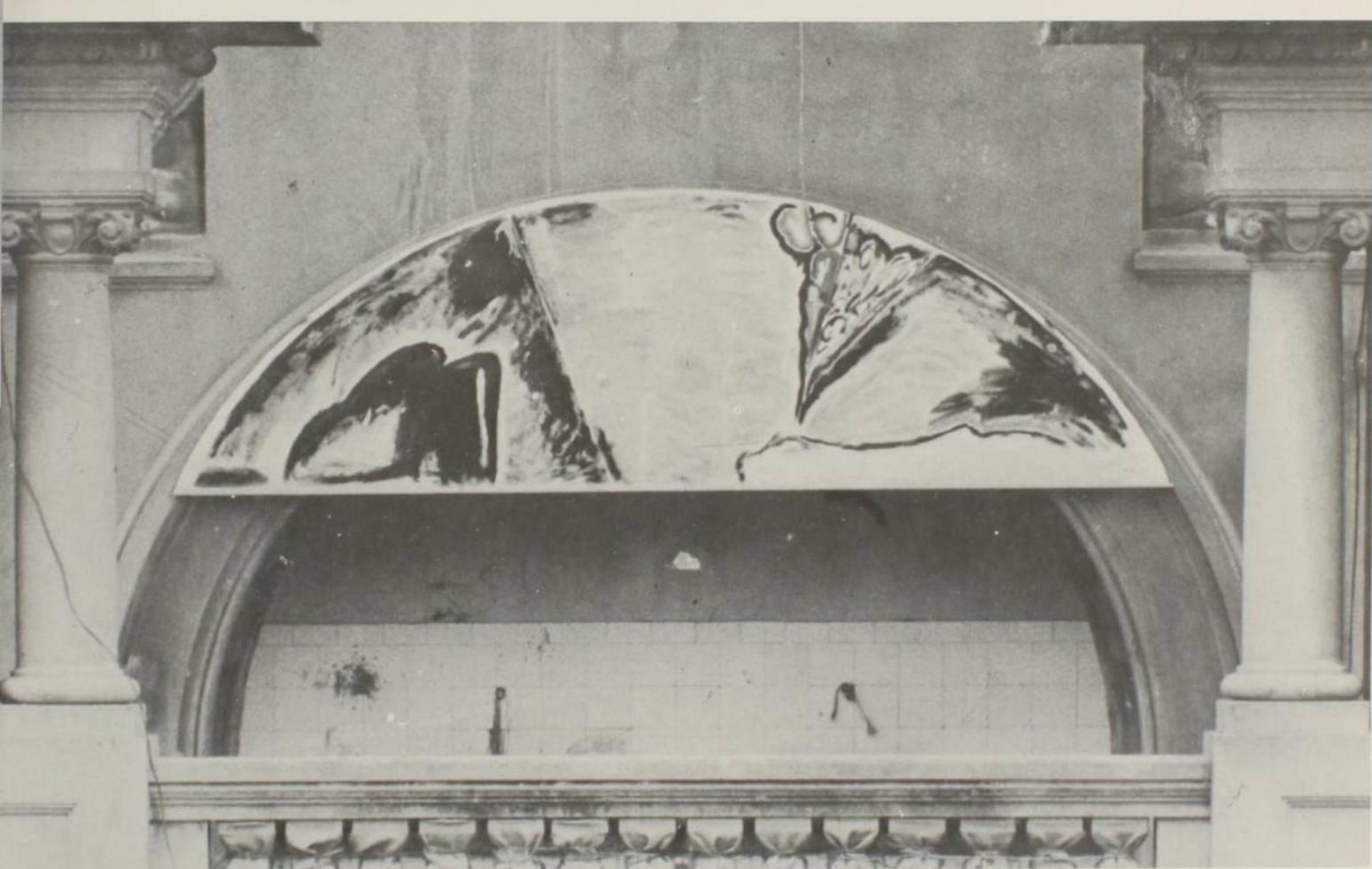


Adriano de Aquino

ANNA BELLA GEIGER

Macio EW9

tela, eucatex, tinta acrílica — 3.50m de largura

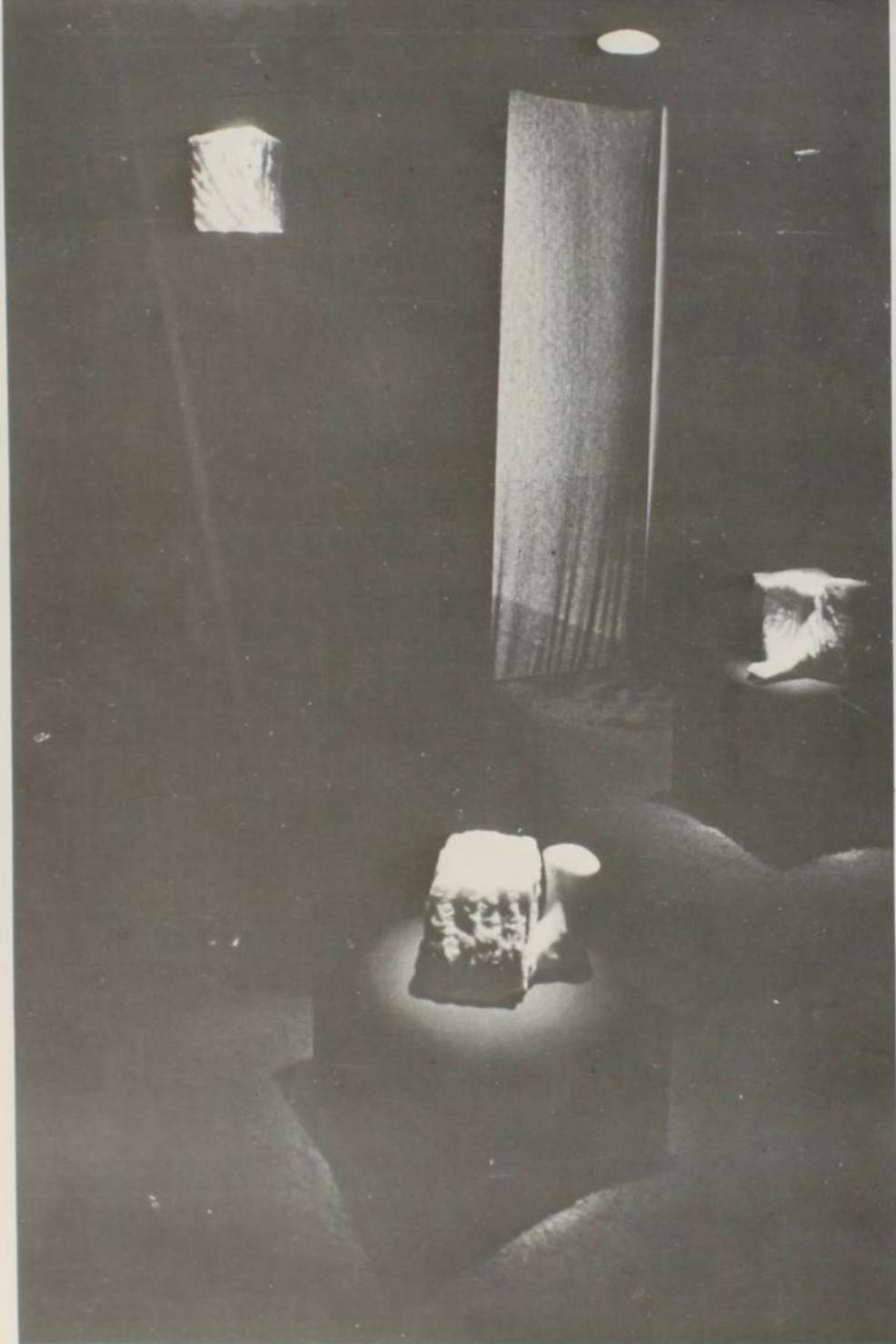


Anna Bella Geiger - "Macio EW"

ASTREA EL JAICK

Espaço Aprisionado (da série "Caminhantes")

Energia = matéria = ser vivo = ser pensante = ser criativo = energia



Astréia El-Jaick - "Espaço Aprisionado"

BEATRIZ MILHAZES
FRANCISCO CUNHA



Beatriz Milhazes e Francisco Cunha

CARLI PORTELLA

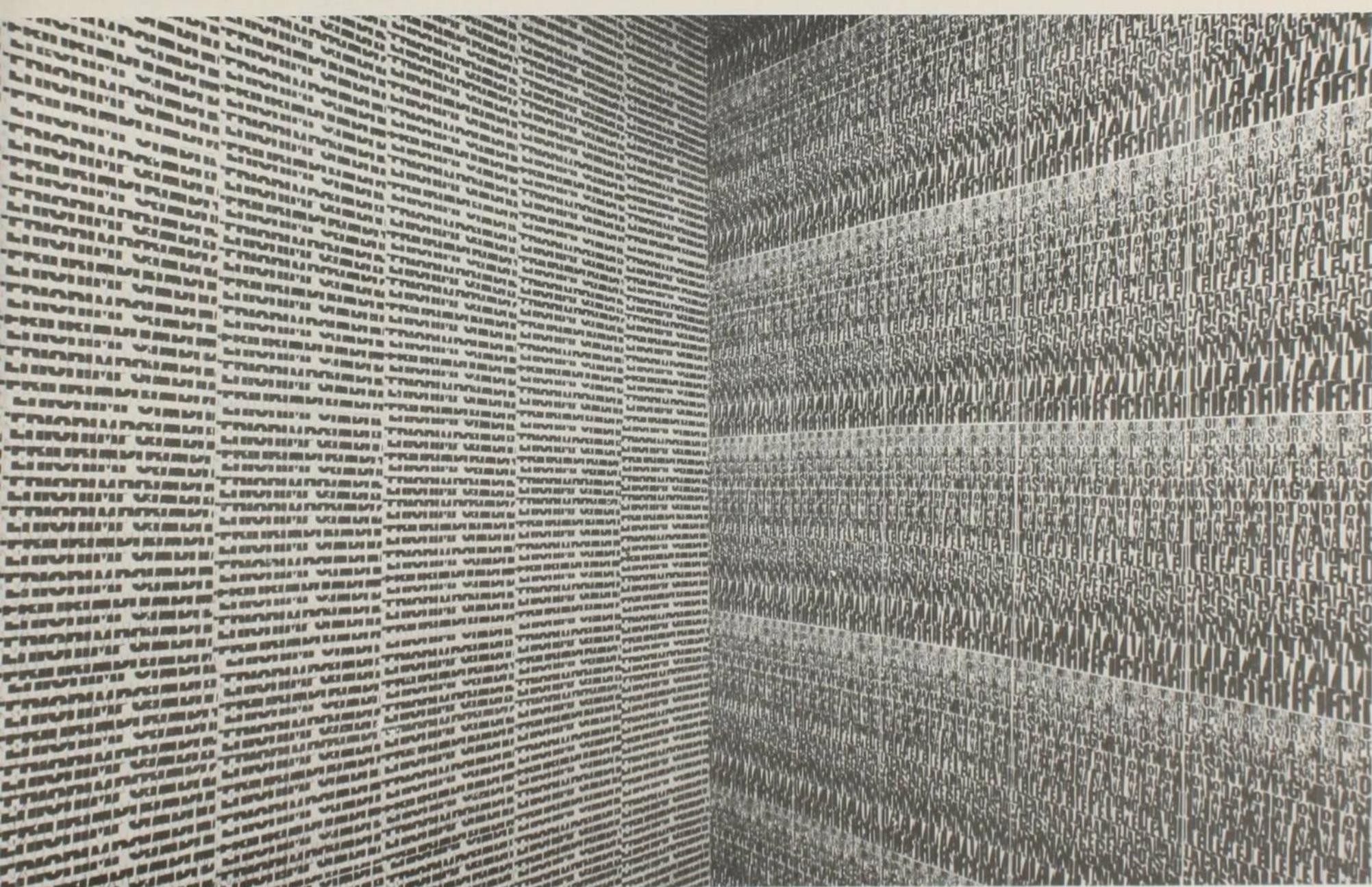
“Sala de Leitura”

Um cubo medindo 9 metros quadrados e pintado de branco, exceto o piso, que será pintado de preto.

— do lado esquerdo de uma das paredes, uma entrada medindo 2.00 x 0.60m e no interior, iluminado por uma luz central, um banco preto.

— nas paredes, serão afixadas letras, a partir de uma matriz em cada lado — letras pretas com fundo branco ou vice-versa.

As letras, portanto, terão valor exclusivamente plástico, na medida em que não formam palavras ou sentenças literárias. Elas podem sim, ocasionalmente, formar sintagmas estranhos, agramaticais e despojados de conteúdo semânticos tradicionais.



Carli Portella - "Sala de Leitura"

CARLOS SCLiar

Esta série de obras parte de um desenho de 1954 realizado nos arredores de Bagé (RS) quando buscava, com a mais rigorosa disciplina, reestudar, rever meus conceitos e meu desenho. Desejava transpor para o papel o meu idílio com aquela paisagem de um mato gaúcho. Para mim era uma paisagem familiar. Desde minha infância, nas minhas férias, fora ali, naquela região, naqueles matos, que eu, garoto de cidade, descobria a riqueza, a surpresa e a harmonia, a beleza em sua permanente transformação. Sem ter consciência eu construía as minhas raízes.

Agora para esta exposição "Território Ocupado", instigante em sua proposta, persigo a mesma idéia, apresento peças novas, talvez mais exacerbadas, ainda em cima do mesmo desenho de 1954, que continua exercendo uma enorme atração em minha memória. A viagem continua.

Carlos Scliar / outubro 86



Carlos Scliar

"Será visto quando exposto"

O território que ocupa agora no Parque Lage, já foi, na verdade, ocupado desde agosto passado.

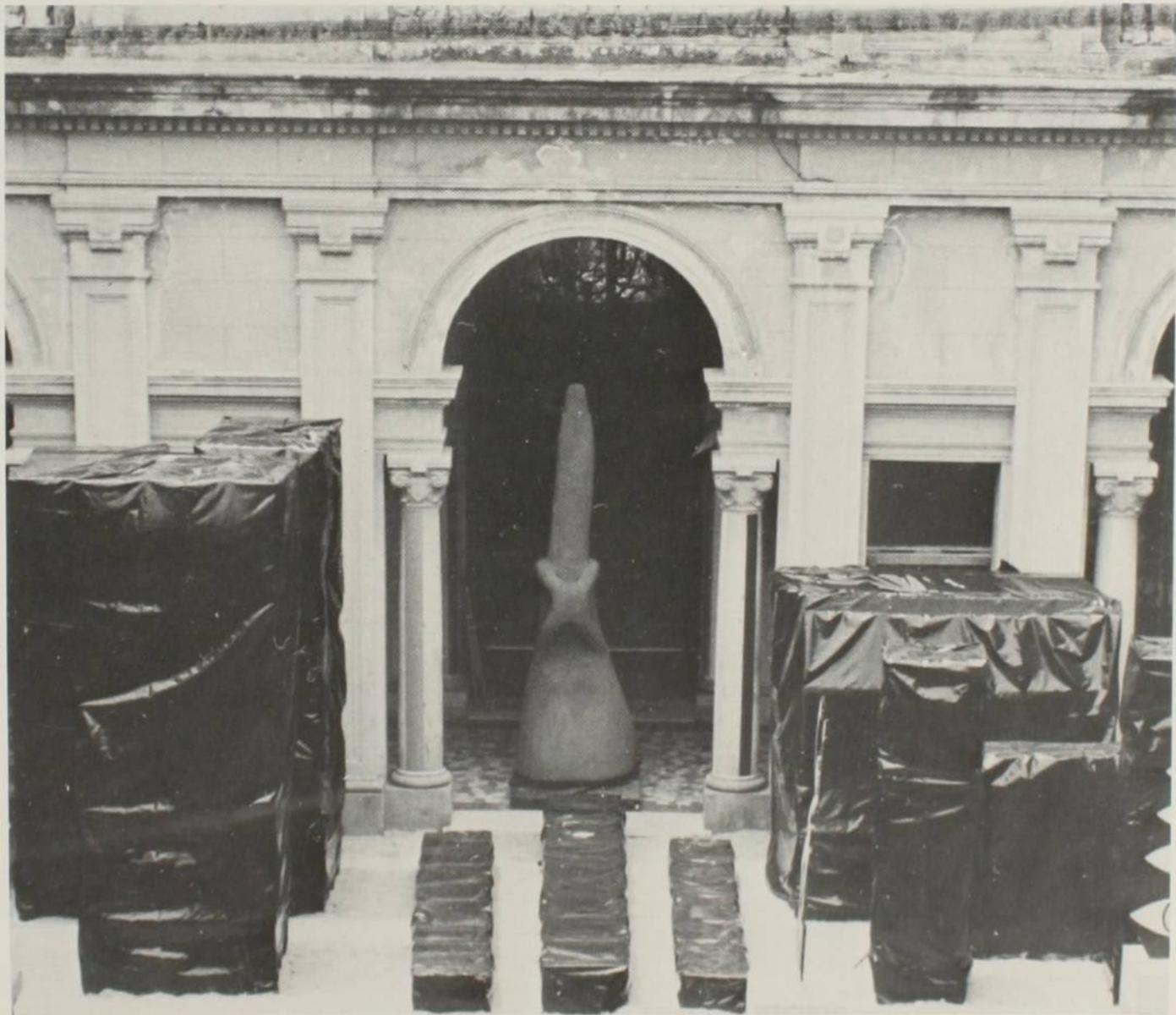
Foi ocupado com o material que transportei meu trabalho, de minha casa onde realizei a etapa estrutural, pela rua Jardim Botânico, rumo a um ponto fixado, e documentado no vídeo que será apresentado na inauguração da Exposição "Território Ocupado".

Essas peças vieram para o Parque Lage, meu lugar de trabalho, para serem barreadas. Daqui saíam para uma exposição. A exposição não aconteceu.

O moinho, os bastões, as rodas, os guardioes, ficaram esperando. Aqui estão, ^{agora} já embalados.

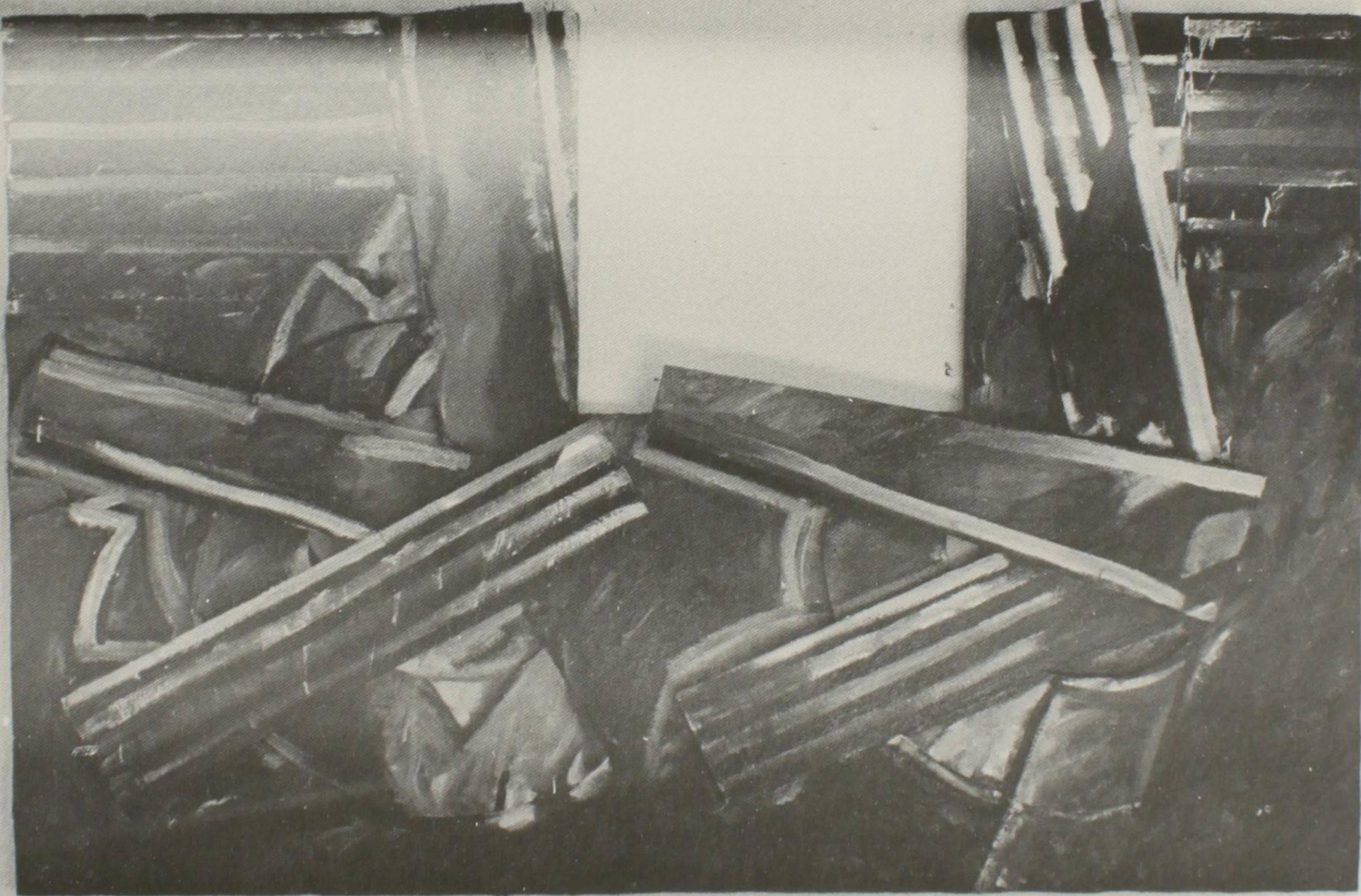
Sairão em Janeiro, quando serão expostos.

Coleção Tostes



Celeida Tostes - "Guardião"

CHARLES WATSON



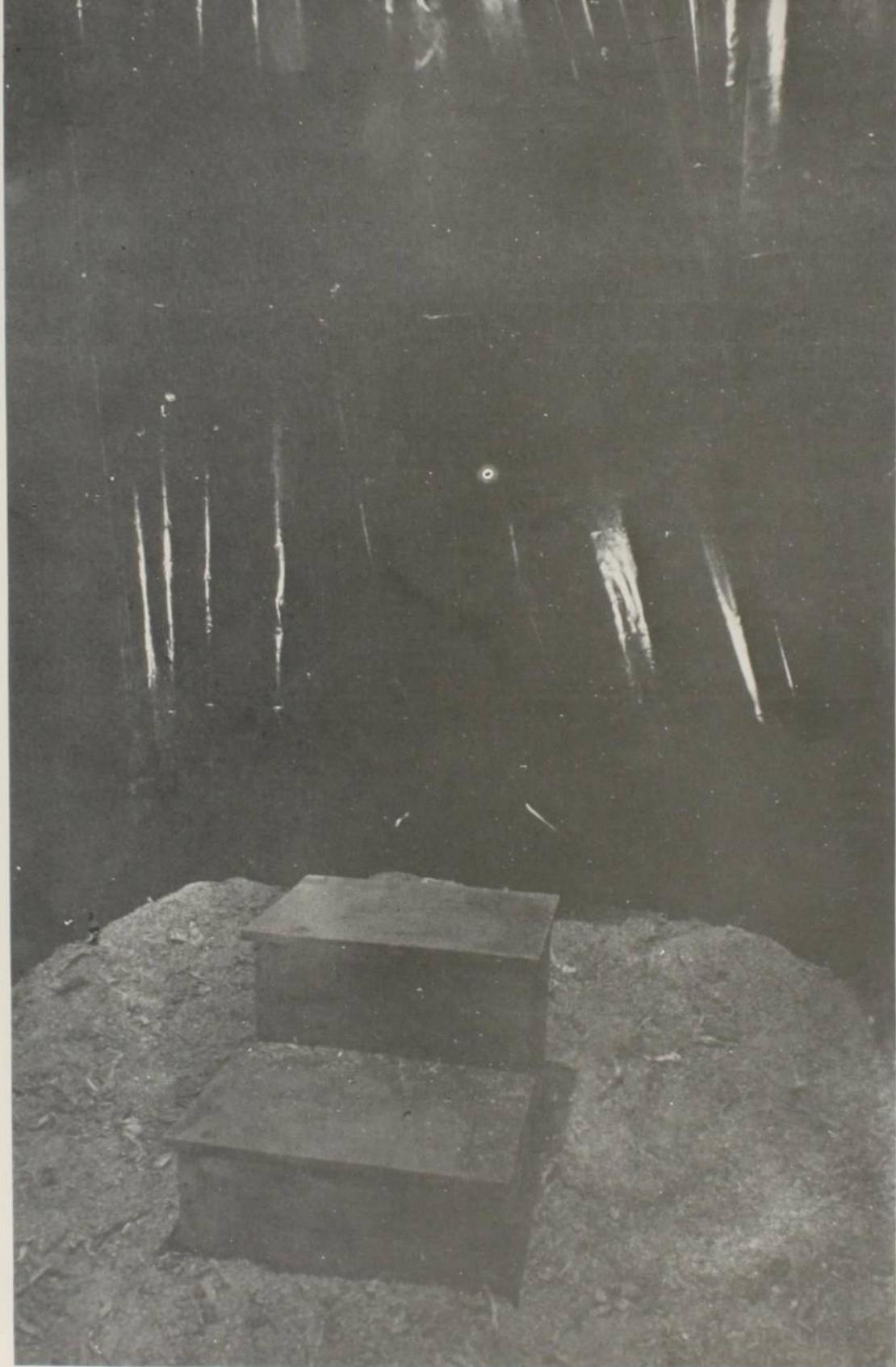
Charles Watson

CLAUDIO FONSECA



Cláudio Fonseca - "Pau, Pedra"

DANIEL SENISE



Daniel Senise

EDUARDO KAC

ZYX: AS LETRAS PRISMÁTICAS DO PENSAMENTO ESPACIAL

a) A letra é a unidade atômica da linguagem, e como tal sempre despertou a curiosidade dos poetas-artistas: Marinetti pulverizou letras e palavras pela página (1909); Ball e Hausmann as aglutinaram em puras melodias dissonantes (1917/18); Schwitters reduziu o poema a uma única letra (1922) e Isou criou um movimento a partir da letra como matéria prima da poesia (1947).

b) A holopoesia, fundada em 1983 por mim e Fernando Catta-Preta, traz nova dimensão espacial a letra e uma visão aperspectívica do fonema. Em ZYX, o uso de poucas letras se deve a um trabalho programático de maximizar a quantidade de informação do mínimo indizível da linguagem, a partir do enorme poder de armazenamento informacional do holograma: o filme holográfico tem de 3.000 a 6.000 linhas por mm enquanto o filme fotolitográfico tem cerca de 100 linhas por mm. A letra holográfica relativizada em momentos do espaço e lugares do tempo diferentes para cada observador é um fenômeno sensorial e sintático mais complexo do que uma sução de letras na linha (verso) ou do que a distribuição estatística de letras na superfície (página). A holo letra é imaterial, transmorfocromática, paralaxial e descontínua.

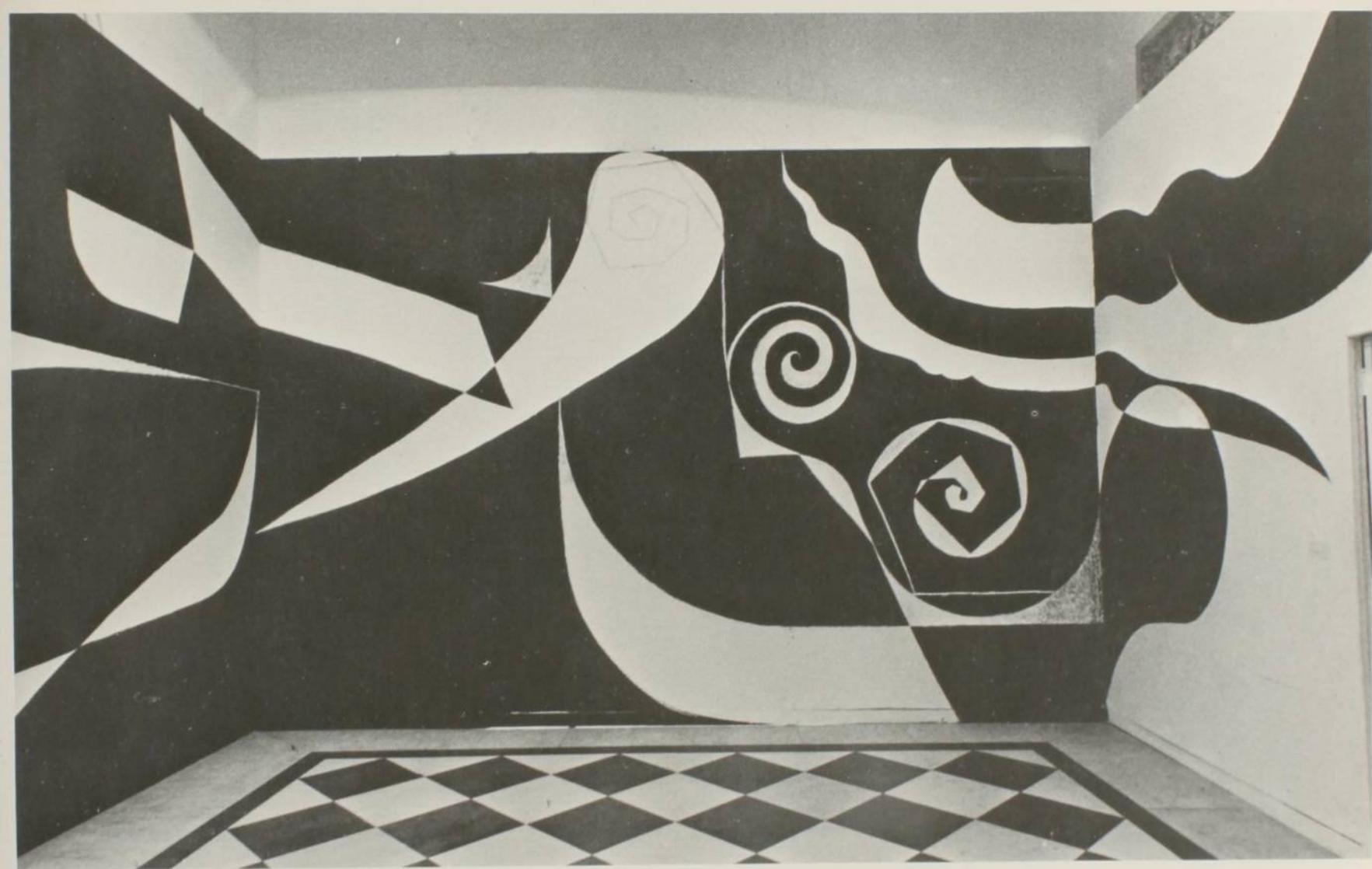
c) Em ZYX, Catta-Preta e eu usamos hologramas *master* (transmissão a laser) na obra final, que são levados a reconstruir as imagens com luz branca como se fossem de reflexão. A luz atravessa os hologramas, reflete no espelho e volta por trás dos hologramas, trazendo aos olhos do observador letras prismáticas que sintetizam a cor branca em seu núcleo e dispersam manchas arcoirizadas ao seu redor. As letras que denominam os três eixos cartesianos passam a nomear o inominável: sons bizarros e pseudo-palavras impronunciáveis são organizadas em espaço sintático descontínuo. Ao fundo, no espelho, dentro dos hologramas, a cabeça do observador. Que se desmanchzyx.

FERNANDO LOPES

" ... L'ESPACE AUSSI
E' ST UNE NOTION TEMPORELLE. "

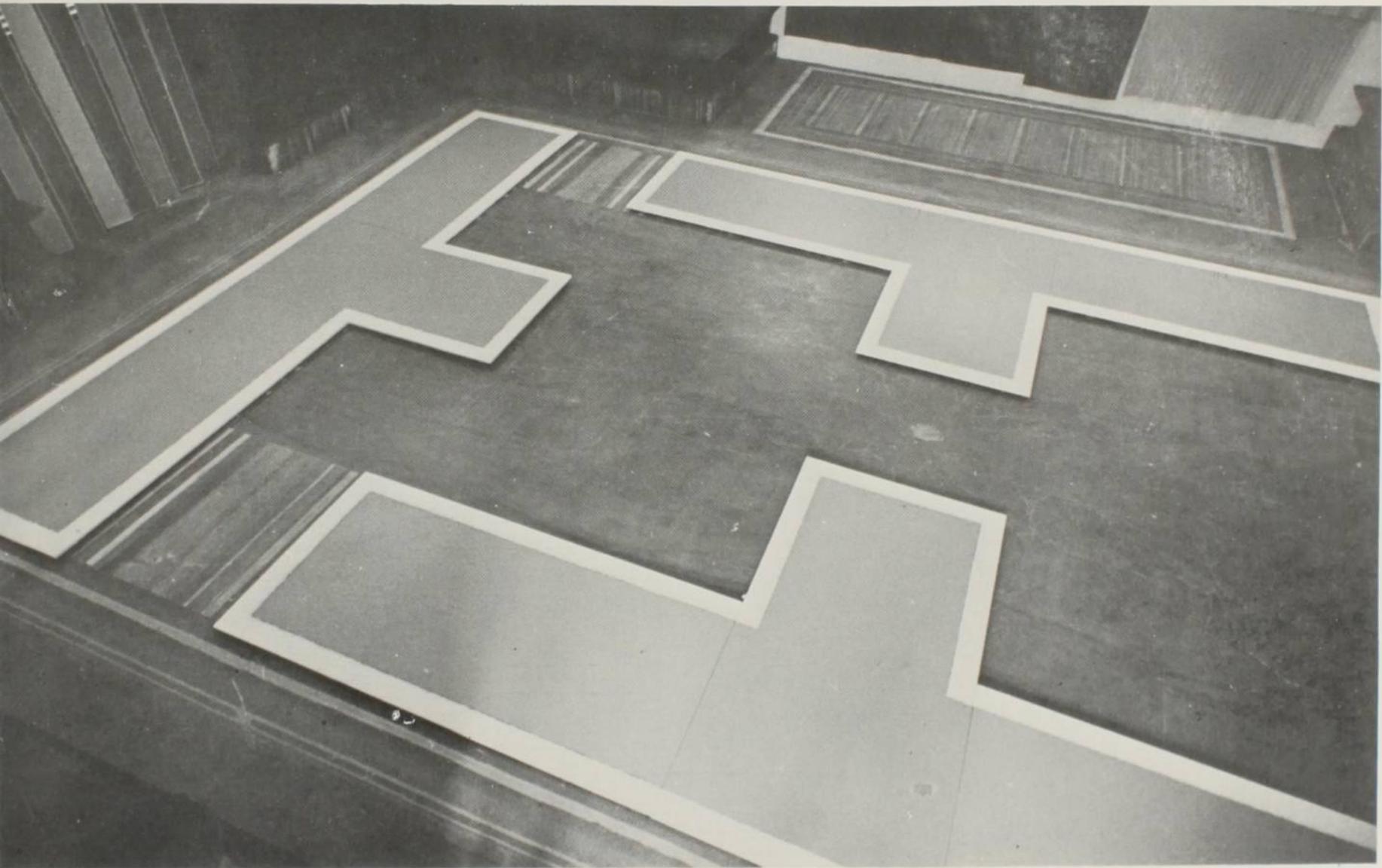
PAUL KLEE
THEORIE DE L'ART MODERNE





Fernando Lopes

GERARDO VILASECA



Gerardo Villaseca

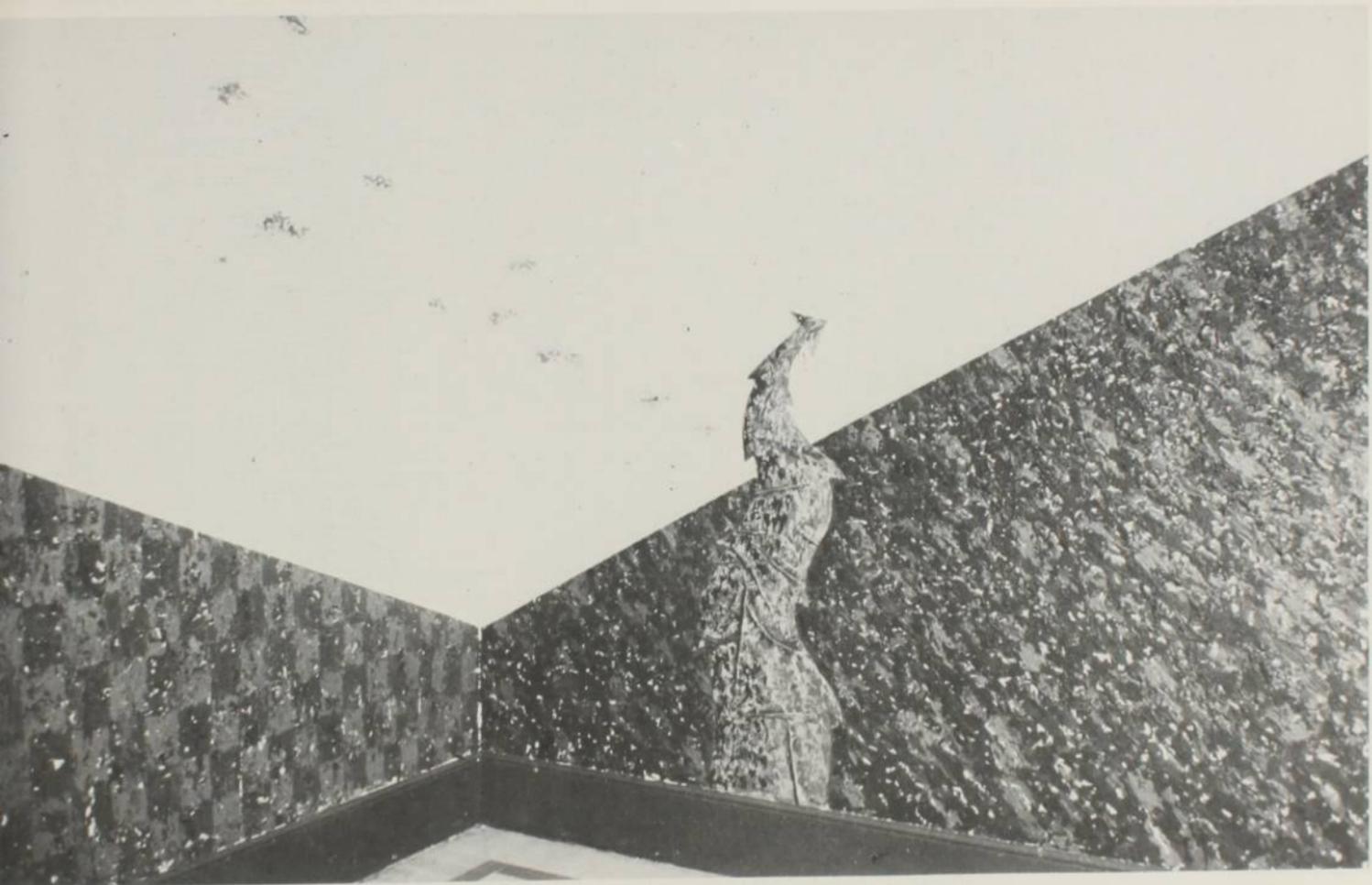
GIODANA DE HOLANDA



Giodana Holanda

HAMILTON VIANA GALVÃO

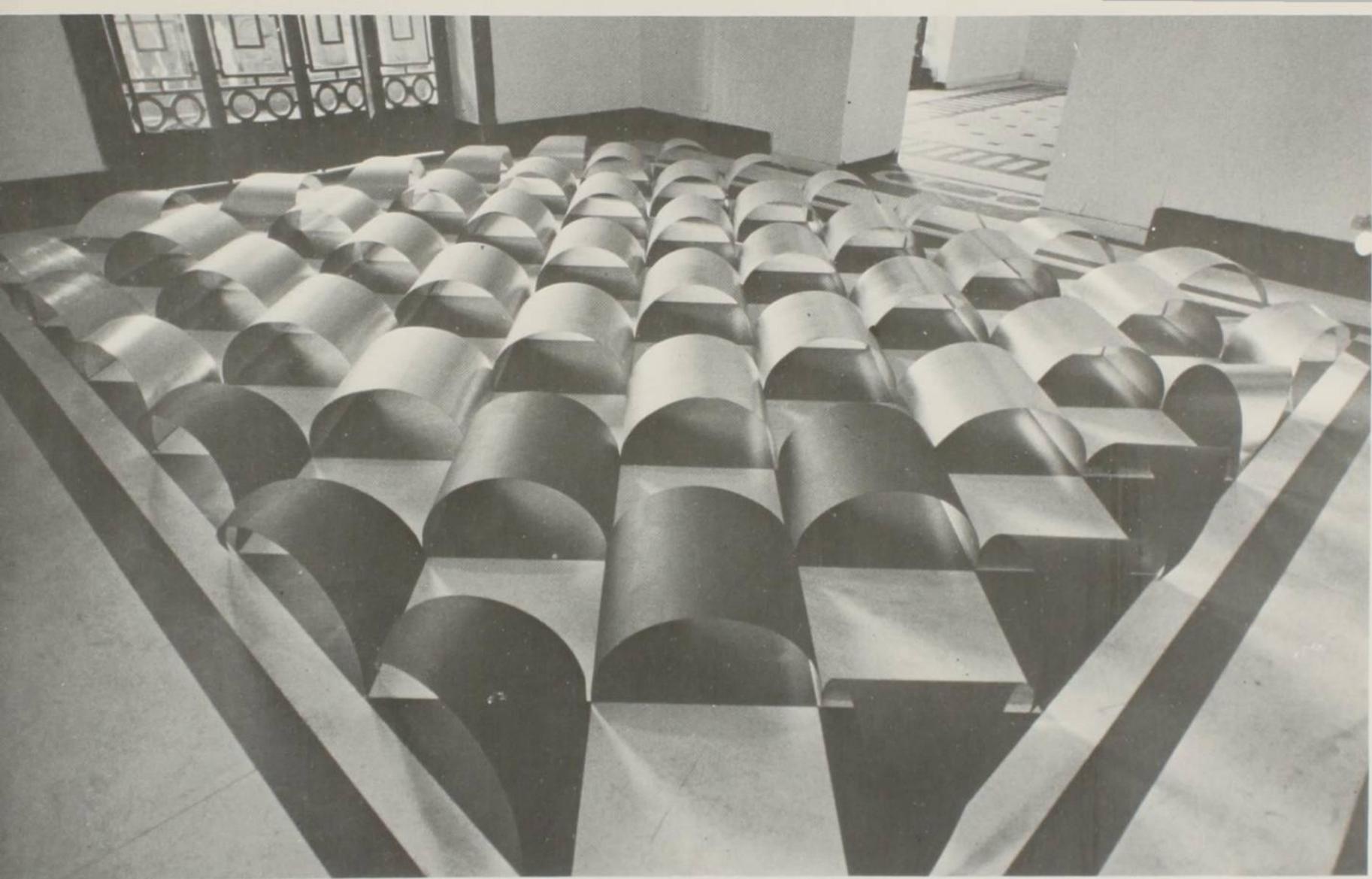
Tela recortada com pintura texturada, usando a própria parede como suporte, utilizando os cantos a fim de conseguir outra dimensão no ambiente já existente.



Hamilton Viana Galvão

JADIR FREIRE

JOÃO CARLOS GOLDBERG



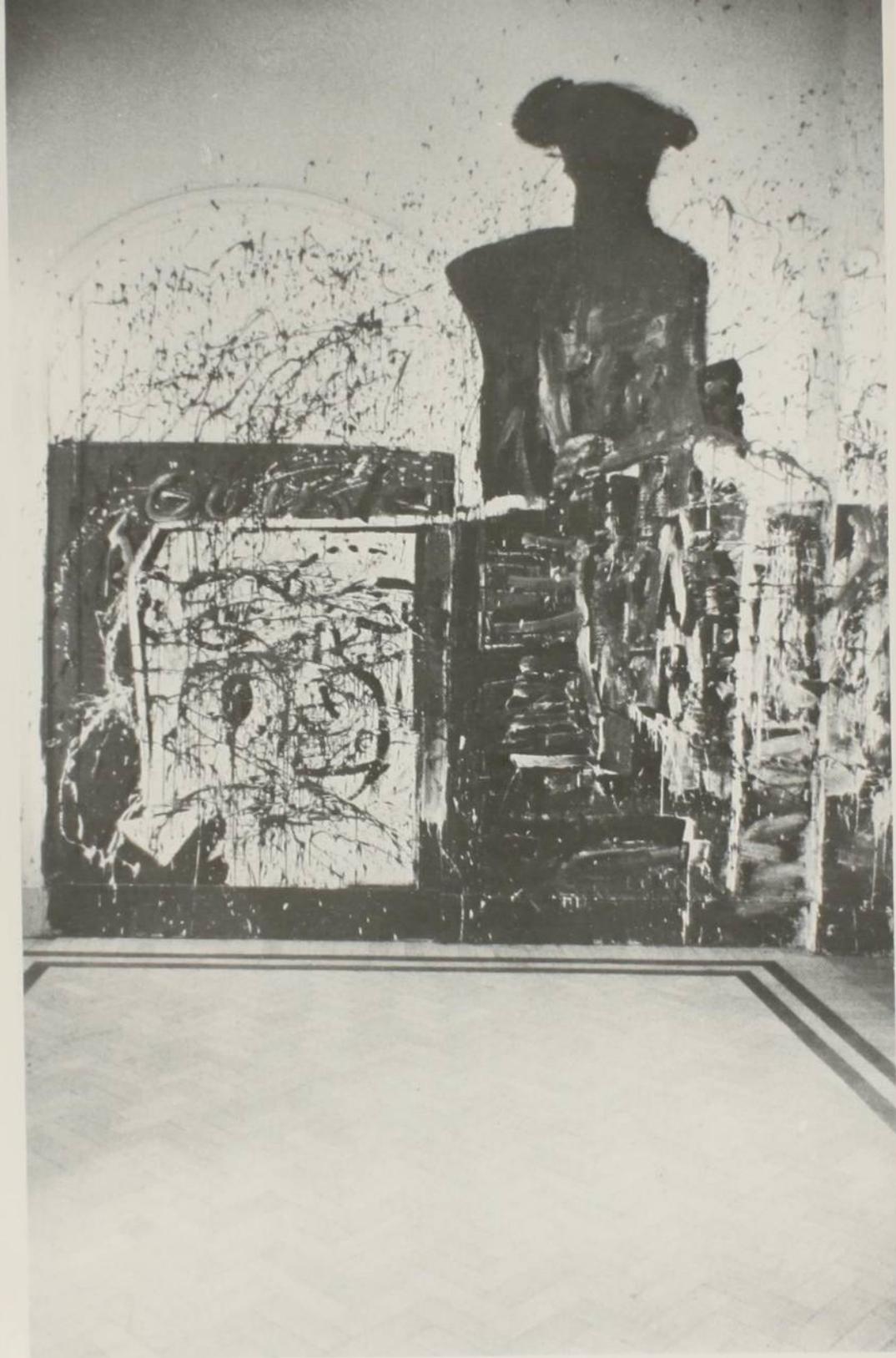
João Carlos Goldberg - "Instalção"

JOHN NICHOLSON



John Nicholson

JORGE GUINLE Fº



Jorge Guinle - "Bezanzone-Pollock"



Katie Scherpenberg

LUIZ ANTONIO NORÕES

Trabalho pensado e realizado no período de dez dias, tentando resgatar sobras do incêndio e transformá-las em ouro, "Toque da Arte"; tentei e fiz então "O Homem Figurativo e A Mulher Abstrata com Algumas Coisas em Volta, inclusive nós, os filhos..."

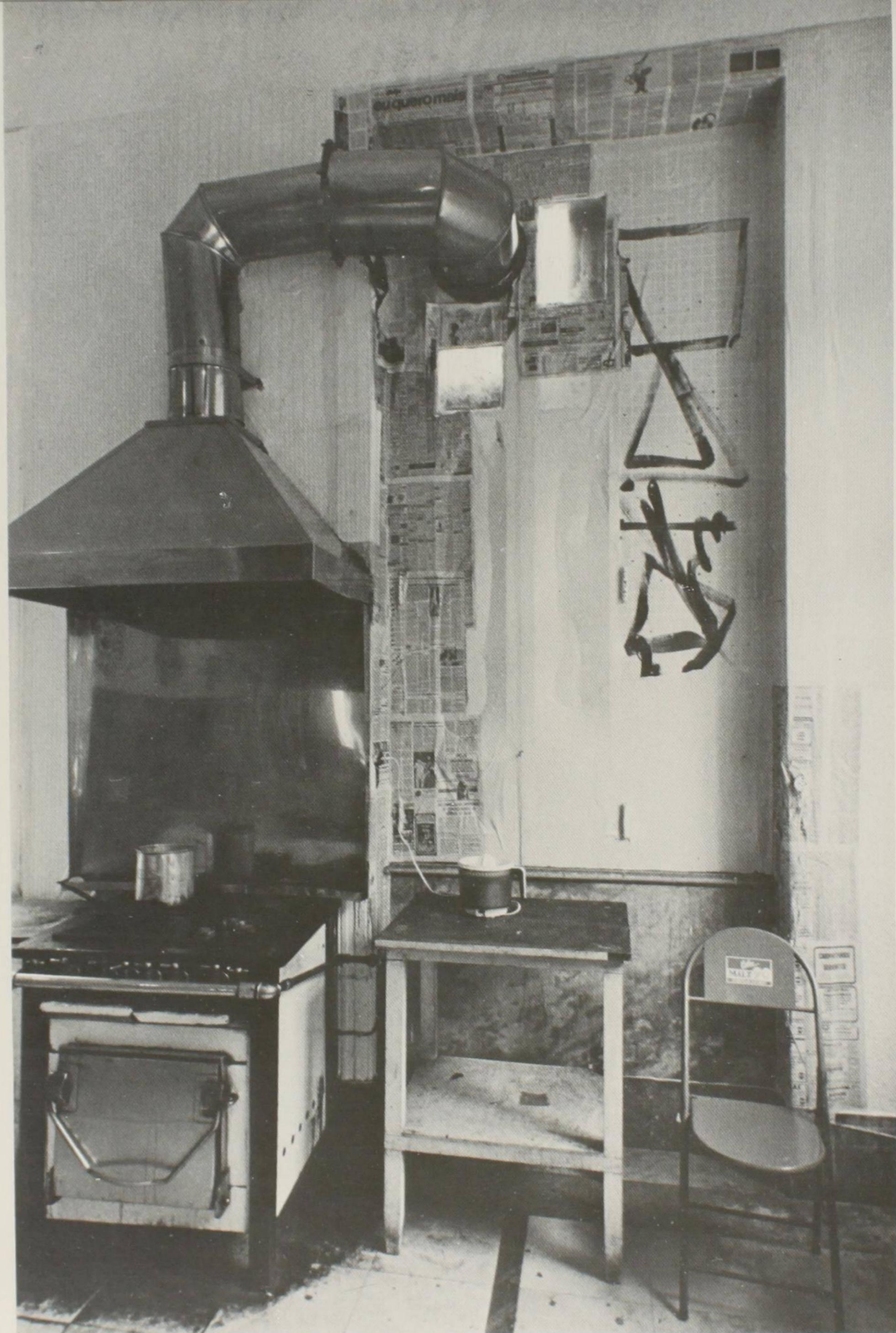
Agradeço a participação dos colegas que utilizei, especialmente Tony Cragg e Amílcar de Castro.



Luiz Antonio Norões

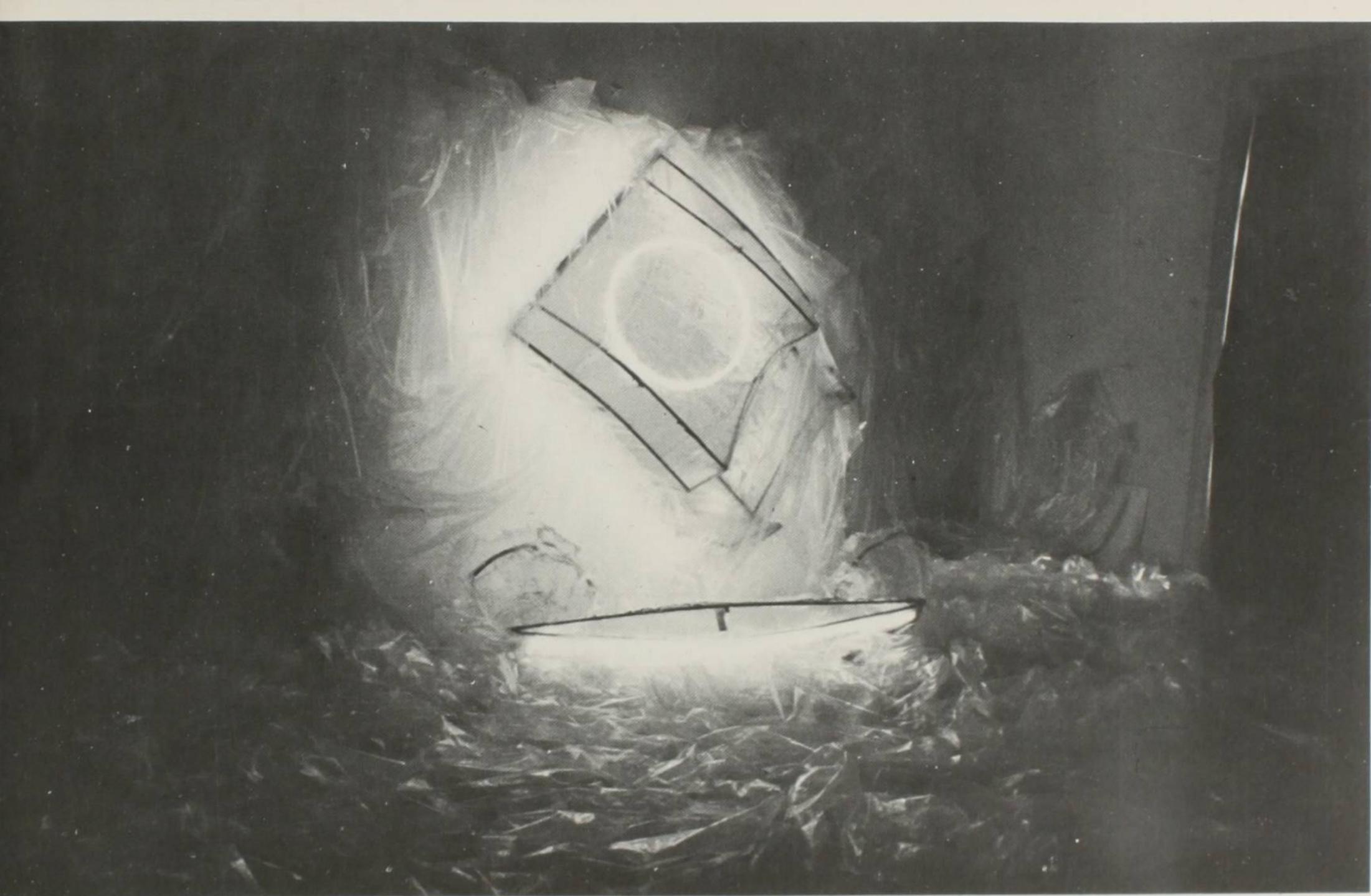
Ocupar a cozinha da Escola, como qualquer cozinha, é um gesto altamente satisfatório para todos os sentidos . Esta, em todos os sentidos, por ser o ponto de convergência do querido cortiço.

(Luiz Aquila- Território Ocupado . 1986)



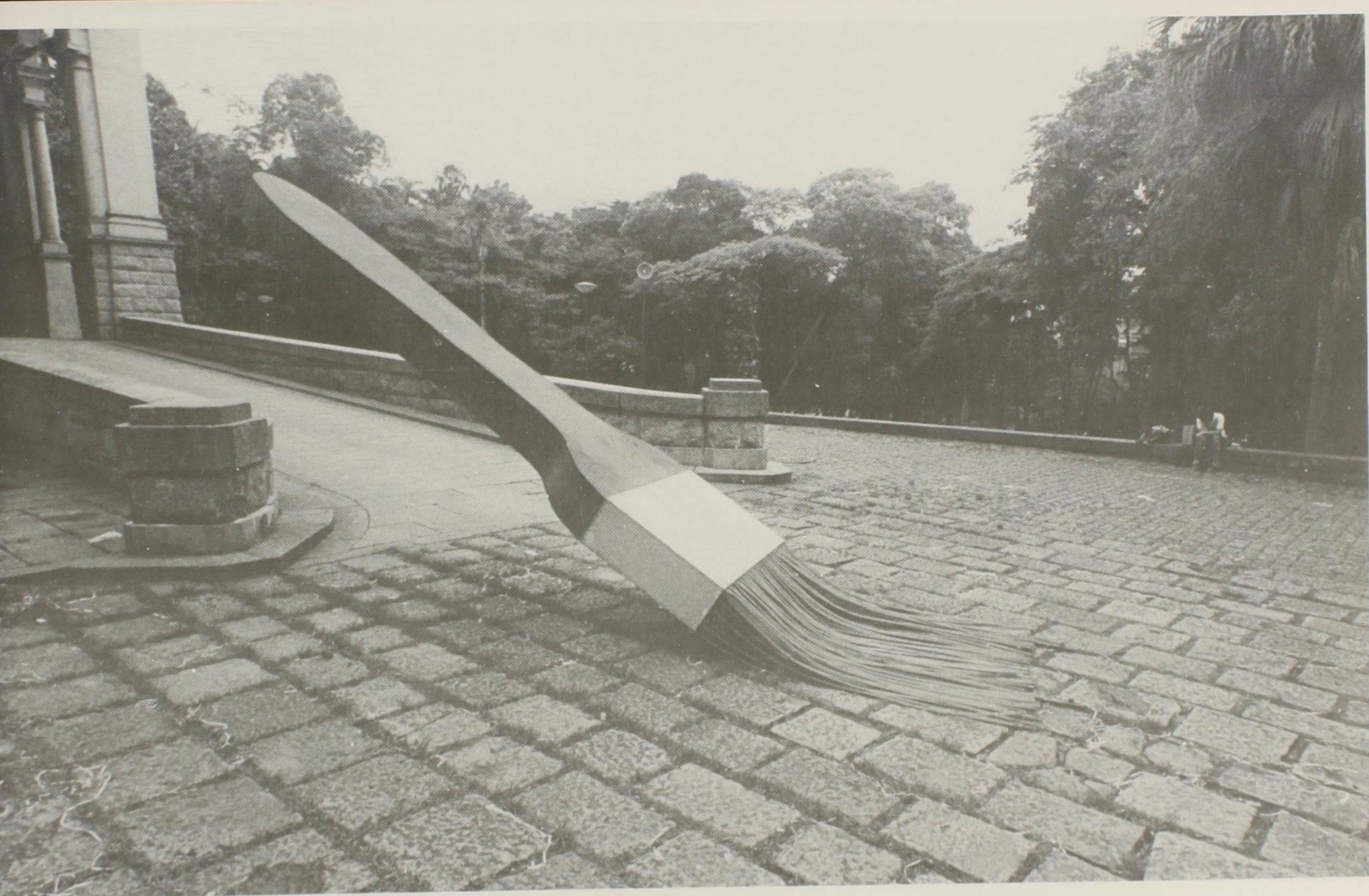
Luiz Aquila

LUIZ ERNESTO



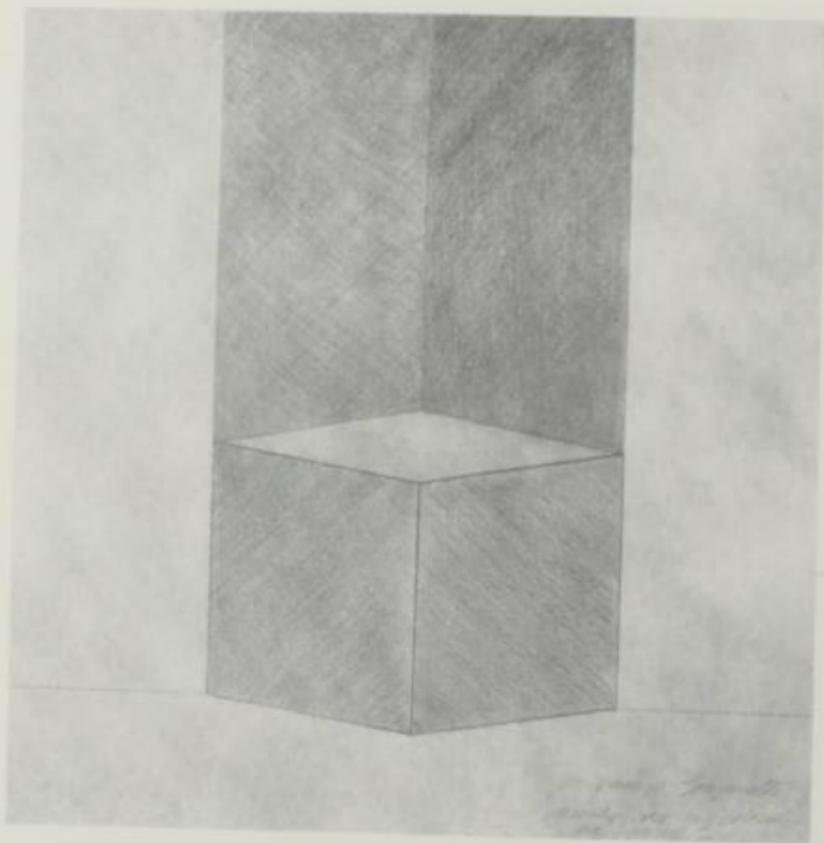
Luiz Ernesto - "Ocupado"

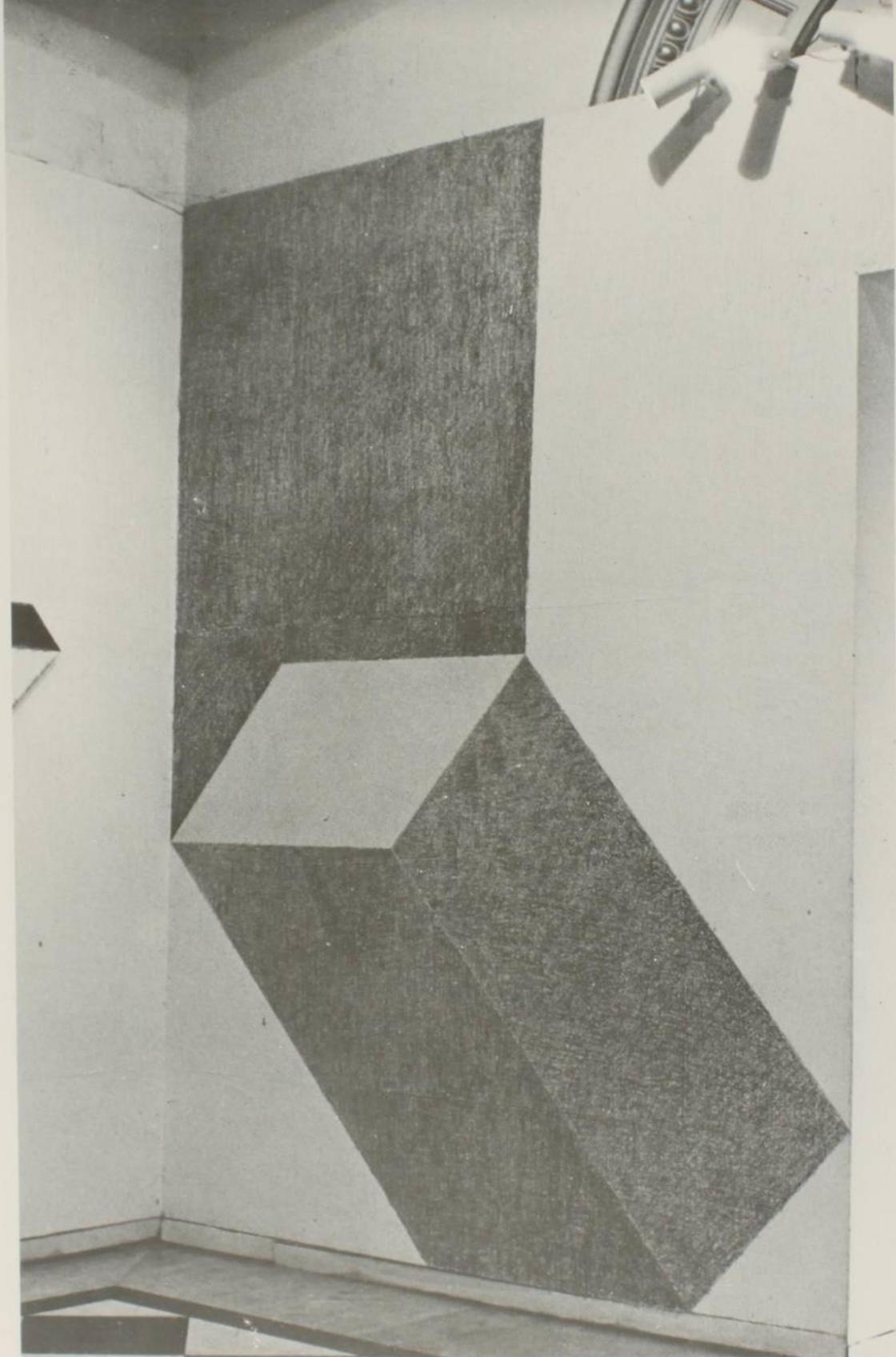
LUIZ PIZARRO



Luiz Pizarro

MANFREDO DE SOUZANETO





Manfredo de Souza Netto

MARIO AZEVEDO

PINTURA

ARQUITETURA

ESTRUTURA = DESENHO

SUPERFICIE = MATEMÁTICA

UZ, Ñ UZ

PRETO / TERRA / TÁMANCO

TEIPO

CINZA

PORTAL / JANELA / ESCADA / VITRAL

(CASA = CORPO)

TAFEL, PO', TÁRRO

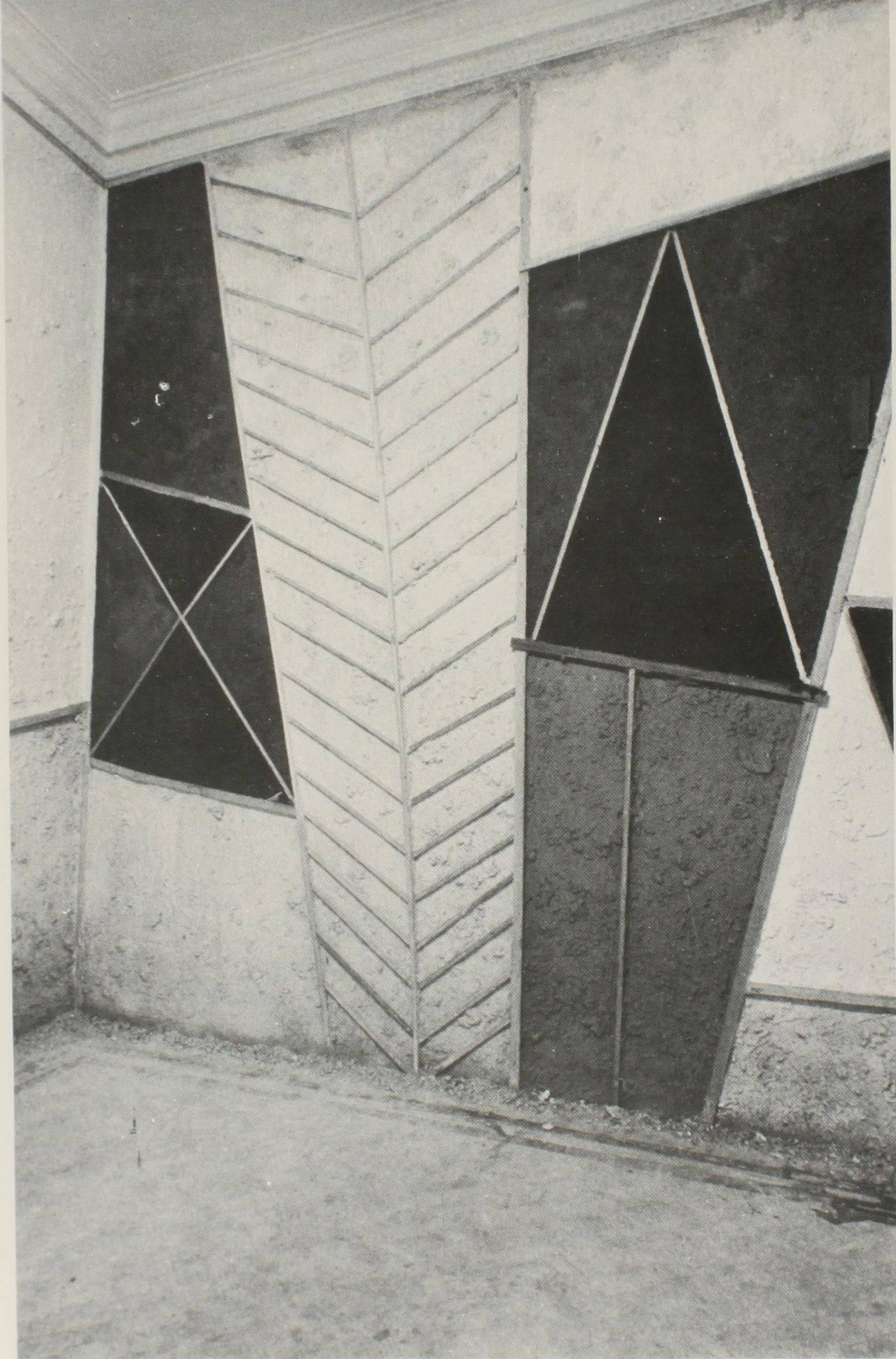
JARDIM

CARNE, PELE, OSSO.

ESPAÇO

OTRA.

espírito Azevedo. 10/36

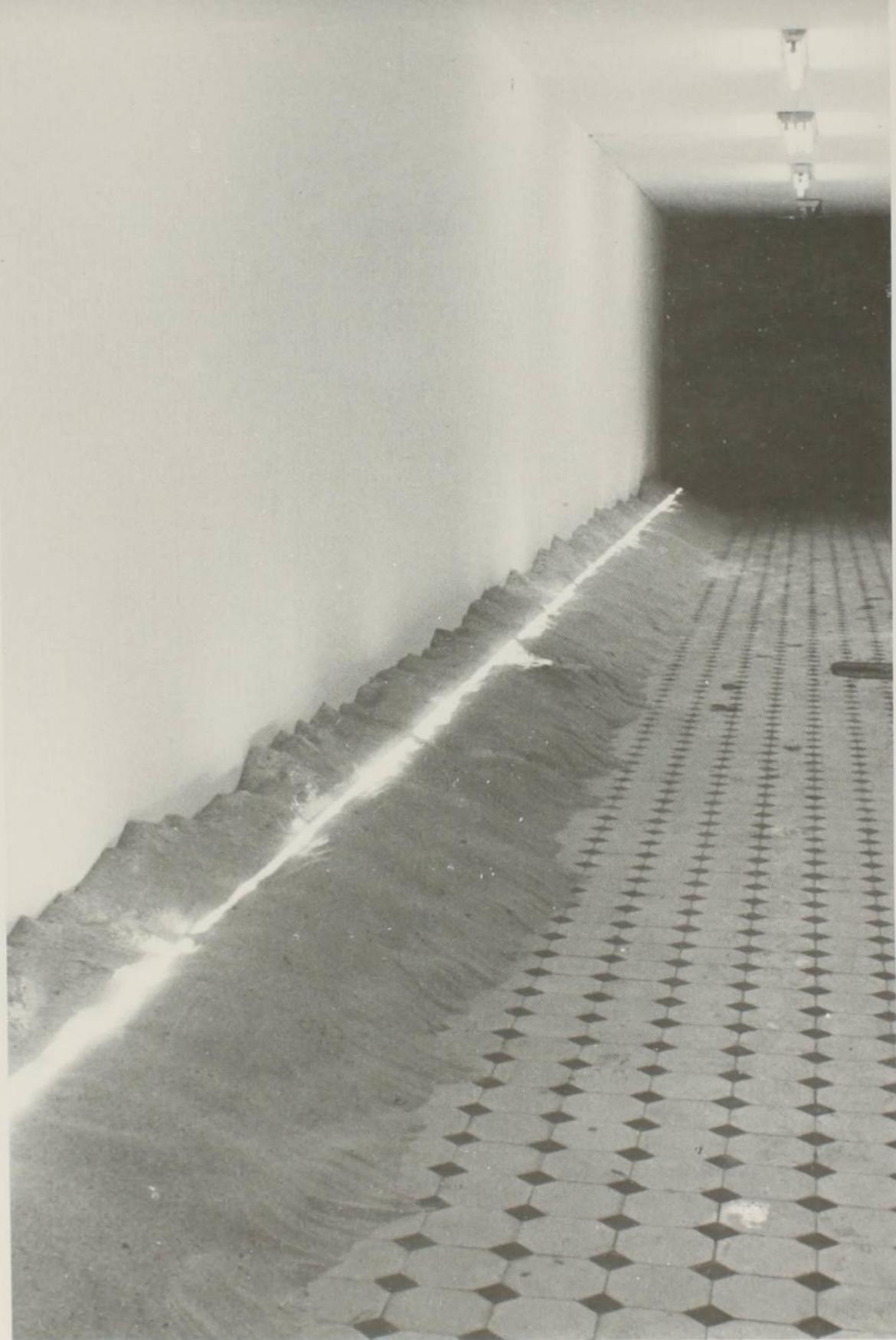


MAURICIO BENTES

Instalação efêmera.

Luz fluorescente e limalha de ferro.

Linha de luz de 12 metros encoberta com limalha de ferro ao longo do corredor do sub-solo da Escola de Artes Visuais.



Maurício Bentes - "Linha de Luz"

MILTON MACHADO

HEAVY METAL - (des)Concerto para 6 mapotecas de aço e 30 objetos metálicos

- projeto de instalação com escultura e composição de música eletro-acústica.

outubro/dezembro 1986/ Milton Machado / Rodolfo Caesar

Descrição: 6 mapotecas de aço empilhadas, com suas 5(x6) gavetas abertas em escad(1)a, ocupadas sequencialmente por: molas/sinos/placas/escovas/esferas

AUDIO:

SOM-TIPO 1: som dos objetos acionados

- 1-6-11-16-21-26 = molas
- 2-7-12-17-22-27 = sinos
- 3-8-13-18-23-28 = placas
- 4-9-14-19-24-29 = escovas
- 5-10-15-20-25-30 = esferas

SOM-TIPO 2: som do deslizamento e batida das gavetas fechando.

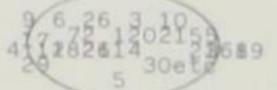
.....ssssssssssBAM !!!!!

SEQUÊNCIA

SOM-TIPO 1: molas,sinos,placas,escovas,esferas

A: 1 2 3 4 5 6 7 8 9 1026 27 28 29 30
(ordenado e ritmado)

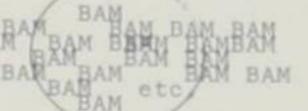
B:  - 1º cluster: todas superpostas

C:  aleatório, desordenado, eventuais superposições

SOM-TIPO 2: gavetas deslizando e batendo

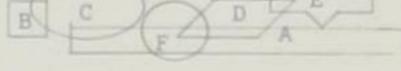
D:ssssssssssBAM !!!!!
.....ssssssssssBAM !!!!!
.....ssssssssssBAM !!!!!
.....ssssssssssBAM !!!!!
(ordenado e ritmado)

E:  BBBAMMM - 2º cluster: todas superpostas

F:  aleatório, desordenado, eventuais superposições

G:  (ordenado e ritmado)

H:  - 3º cluster: todas superpostas

I:  aleatório, desordenado, com superposições

ETC. (caracteriza-se o desconcerto pela interrupção da seqüência em I).



Agradecimentos à Sra. Maria Goldring, e à Mills, pelo apoio.



Milton Machado - "Heavy Metal-3 escadas"

NELLY GUTMACHER

“Berço Esplêndido”

Este trabalho surgiu a partir das estrelas de gesso aplicadas no interior de uma das salas do Parque Lage. Das paredes e do teto fiz o céu. Um imenso tule branco pende do centro do teto. Berço — Alcova — Altar. Do chão — relva macia.

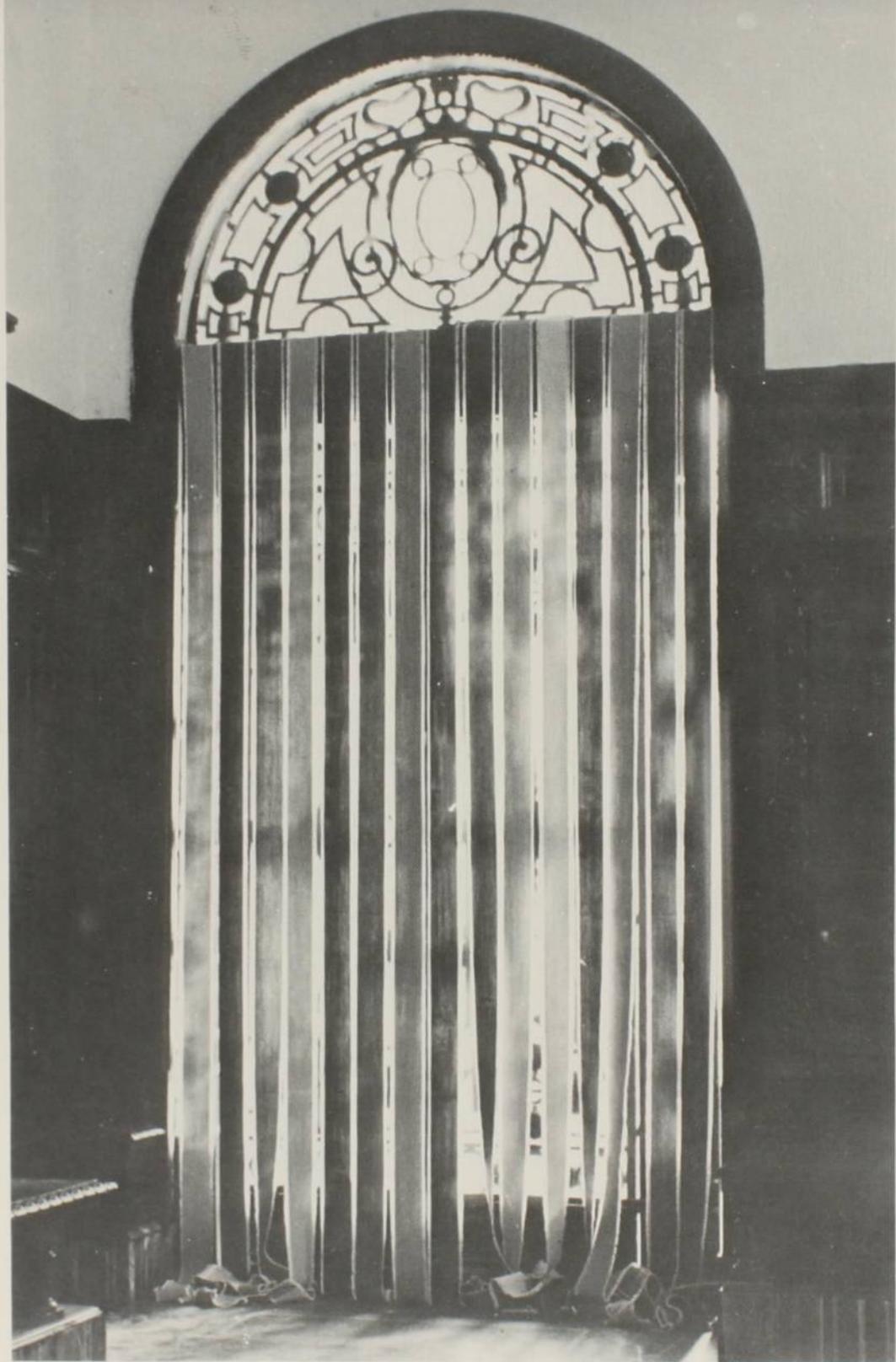
Sonoplastia: Luiz Carlos Rodrigues e Evandro Costa

Apoio: Gráfica Bloch **Newsplan** 



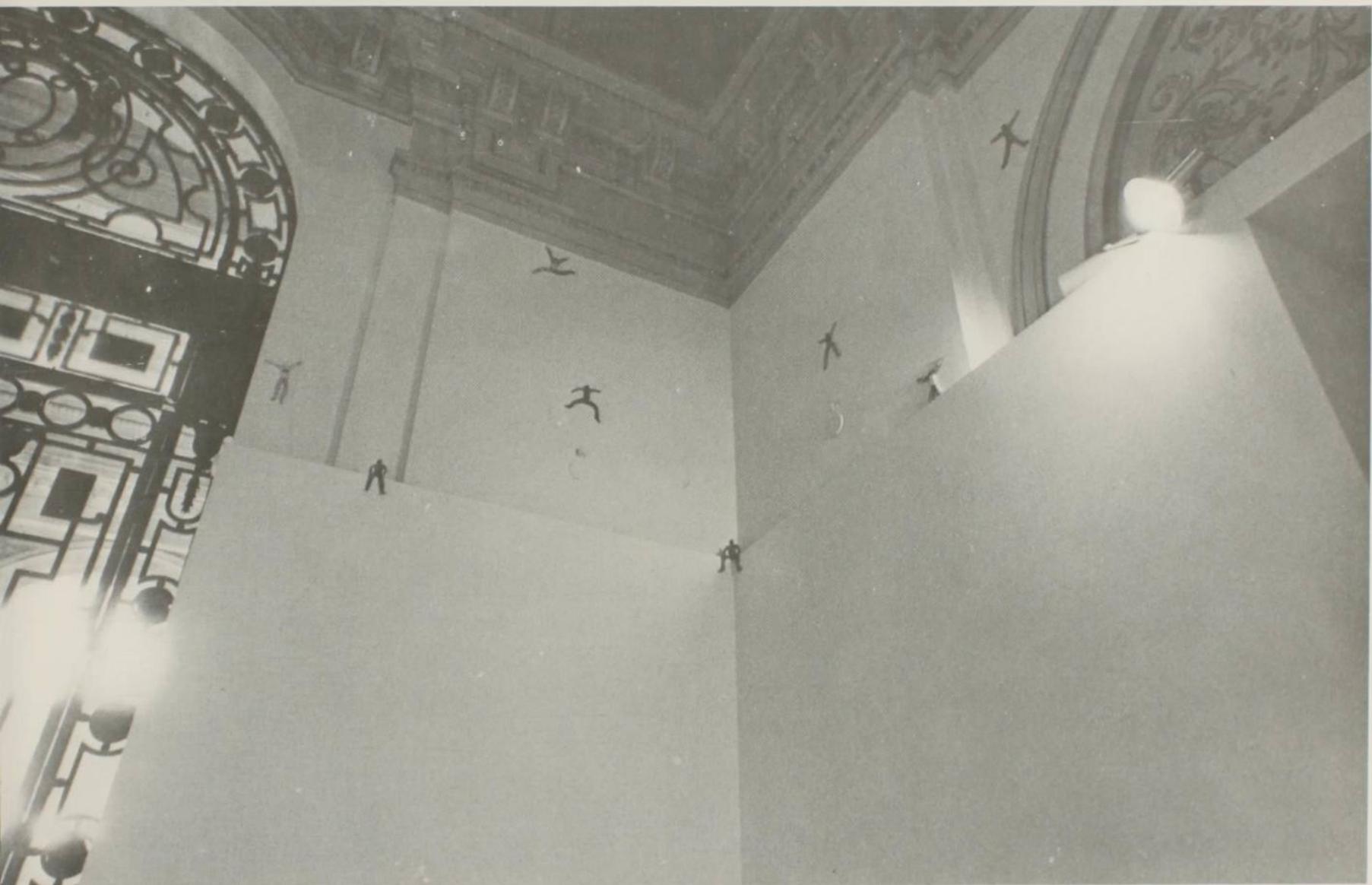
Nelly Gutmacher - "Berço Esplêndido"

NELSON AUGUSTO



Nelson Augusto

PAULO GOMES GARCEZ



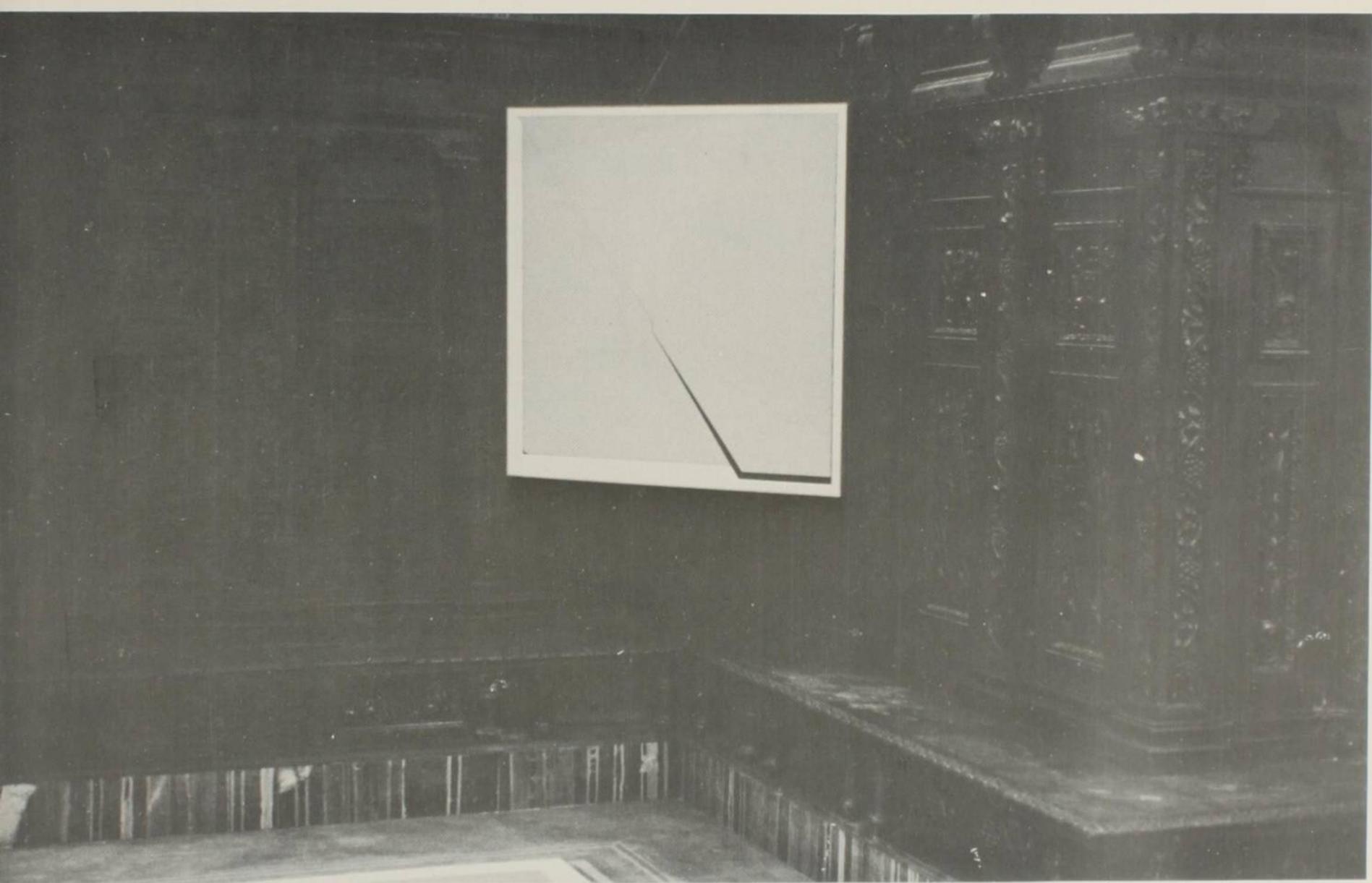
Paulo Gomes Garcez - "Ligações Amorosas"

PAULO ROBERTO LEAL



Paulo Roberto Leal - "Ziriguidum no Parque Lage"

RONALDO DO REGO MACEDO



Ronaldo do Rego Macedo

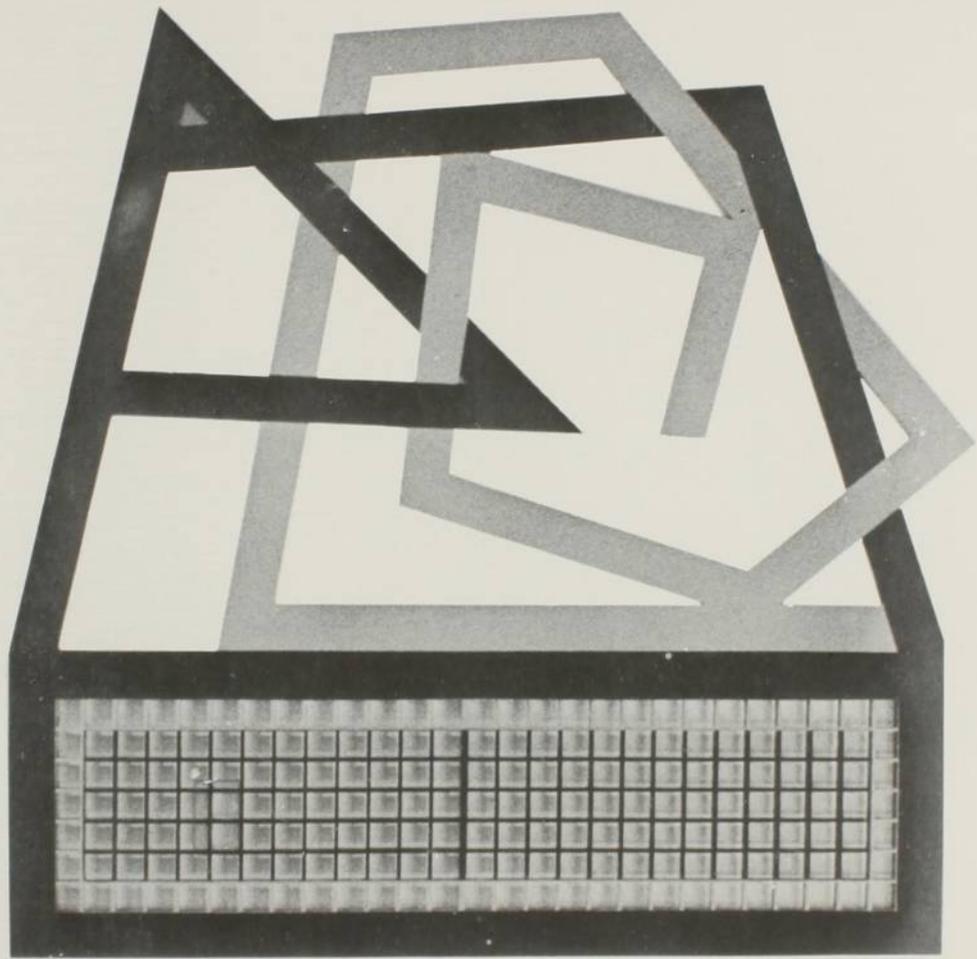
ROGÉRIA DE IPANEMA

Os trabalhos apresentados visam o caráter decorativo. Compõem-se de três peças separadas e distintas, com dimensões aproximadas de 1.60m (vert.) x 1.50m (hor.), nas cores preto e vermelho, realizados em laca s/ madeira. Intitulam-se "Três Irmãos".

Essas peças colocam em evidência e confronto duas questões formais. Uma que trabalha de maneira contínua, lógica e uniforme, e outra de maneira desconexa e livre, contribuindo dessa forma ao ecletismo já existente na decoração original do prédio, presente nas volutas das grades de ferro, nos acabamentos de teto em gesso, etc. Momento em que os elementos fogem a uma homogeneidade.

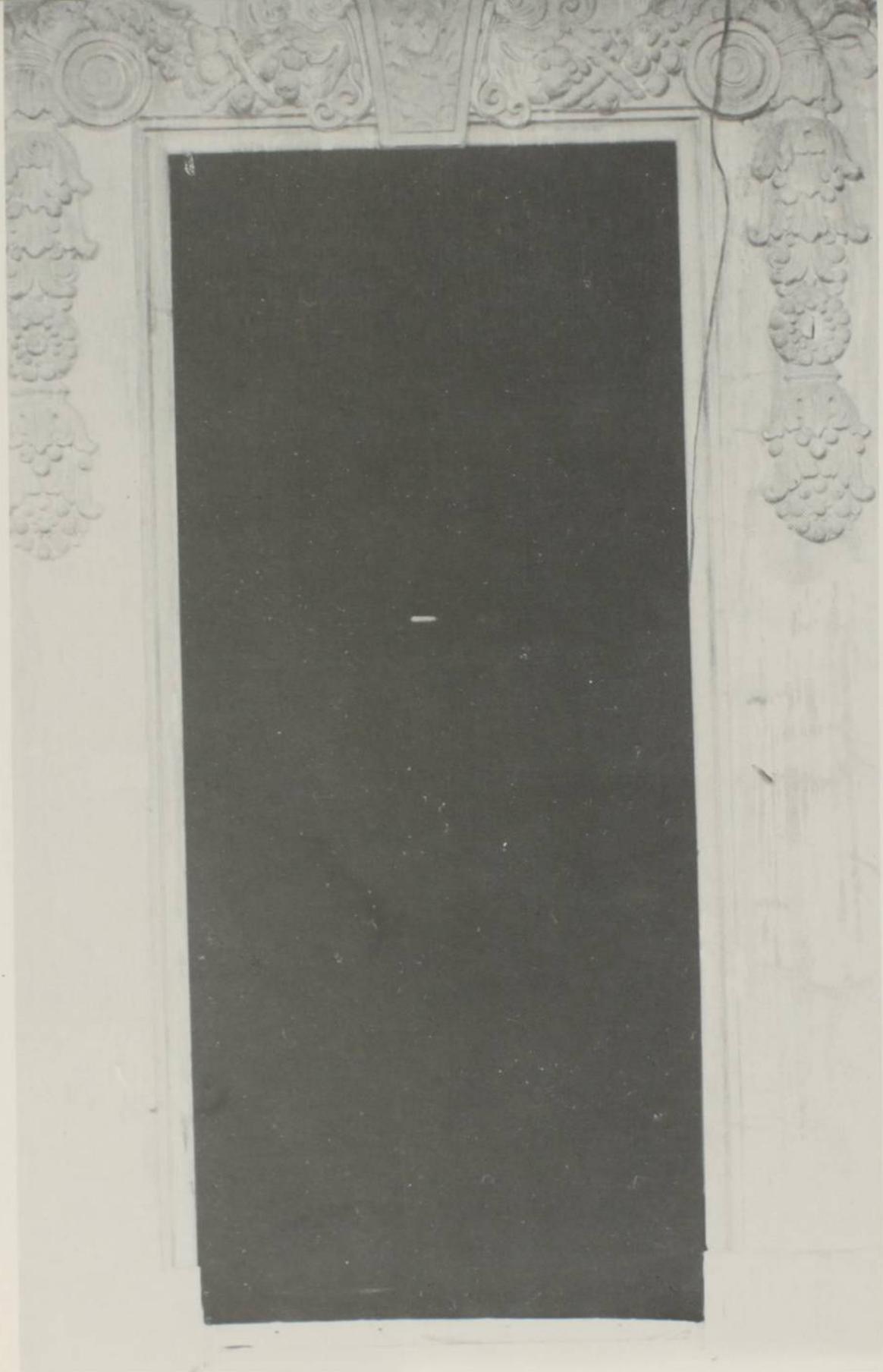
É como se mais uma vez, ao ambiente fosse necessitada, uma nova decoração, idealizada agora com uma reflexão atual.

É o espaço recebendo uma parceria, um companheiro, três irmãos.



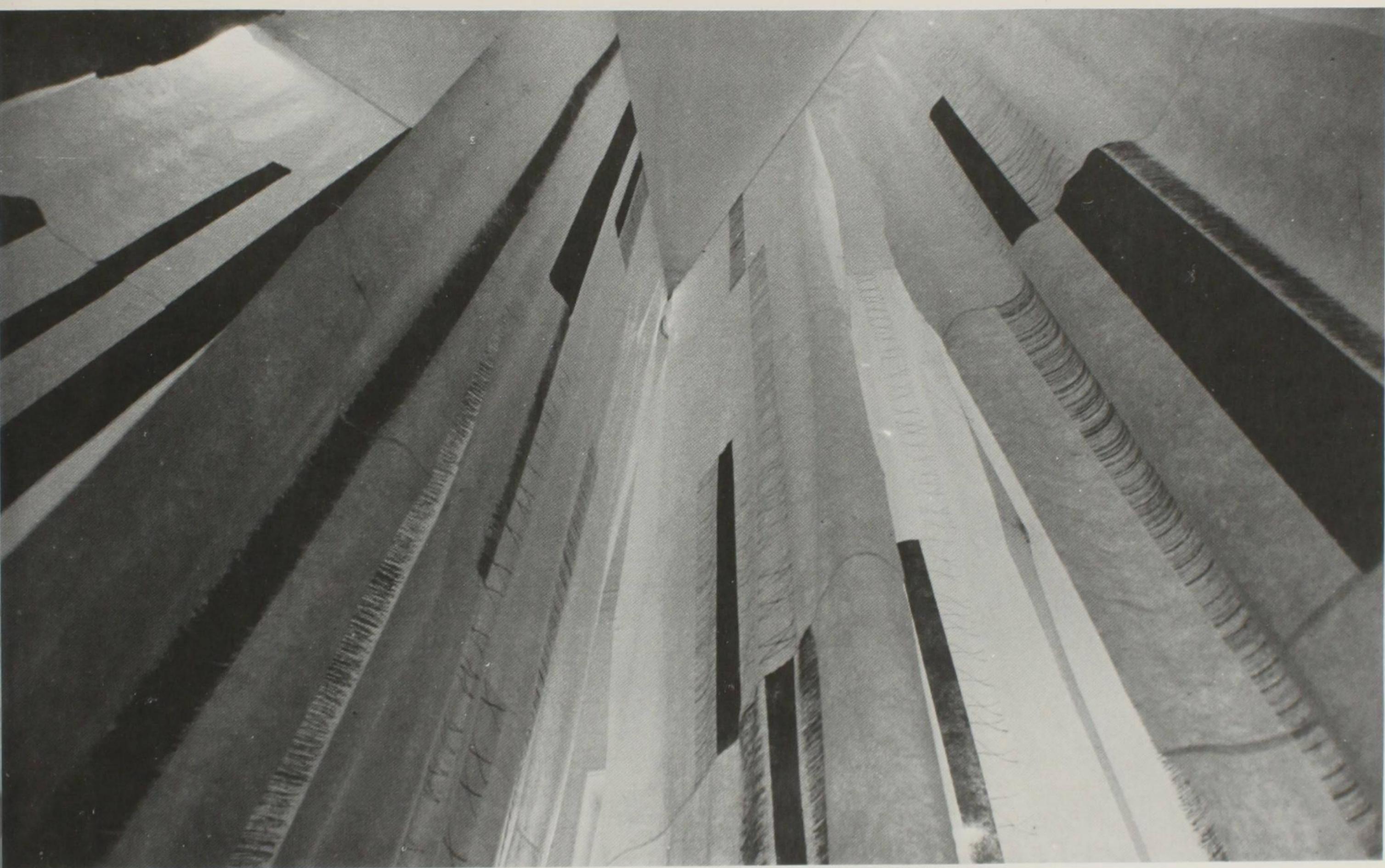
Rogéria de Ipanema - "Dois Irmãos"

RUBEN BREITMAN



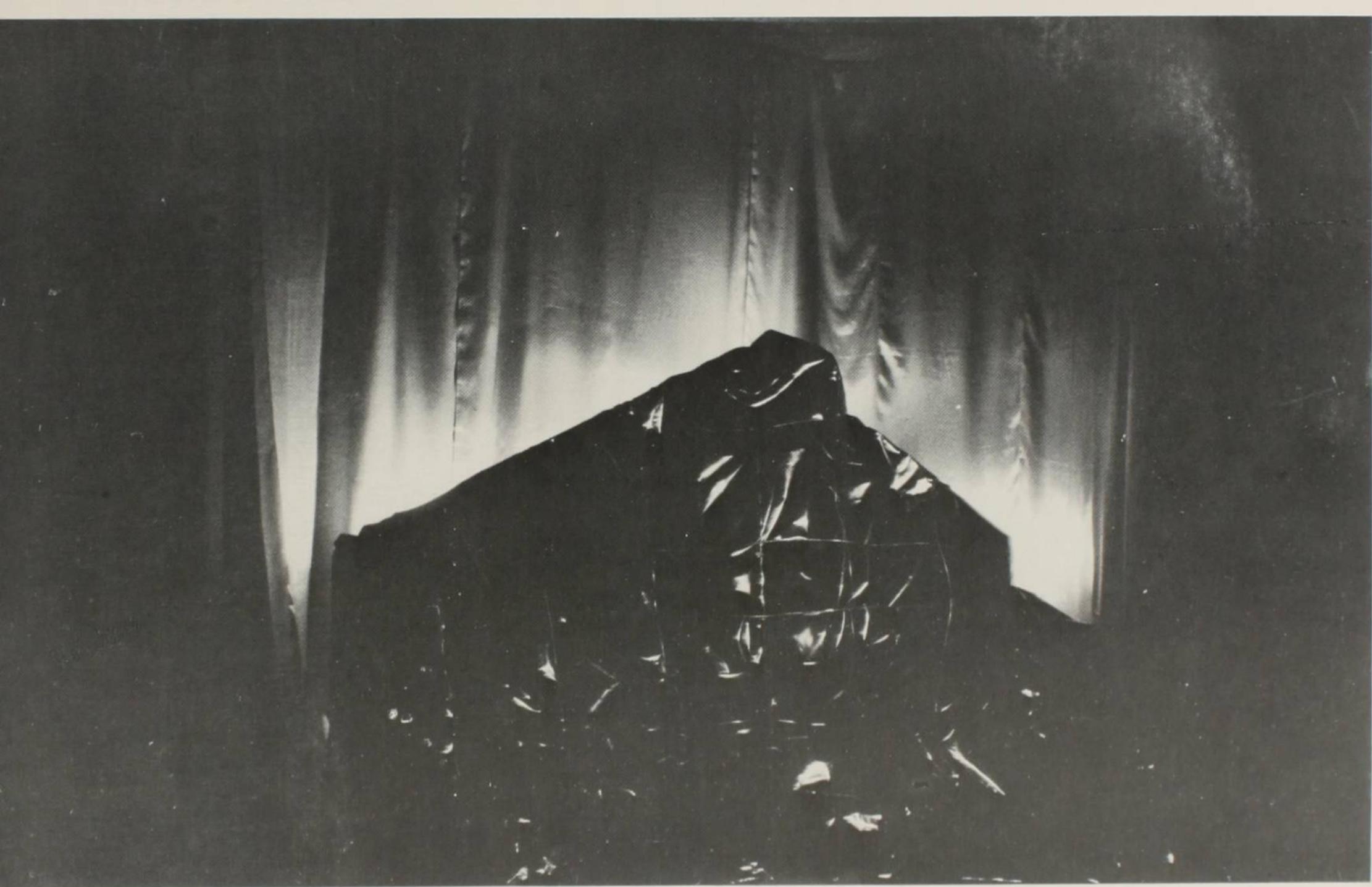
Rubem Breitman - "Guignard-Retrato de Rubem"

SOLANGE OLIVEIRA



Solange Oliveira

SUZANA QUEIROGA



Suzana Queiroga - "LuzAzul"

VALÉRIO RODRIGUES



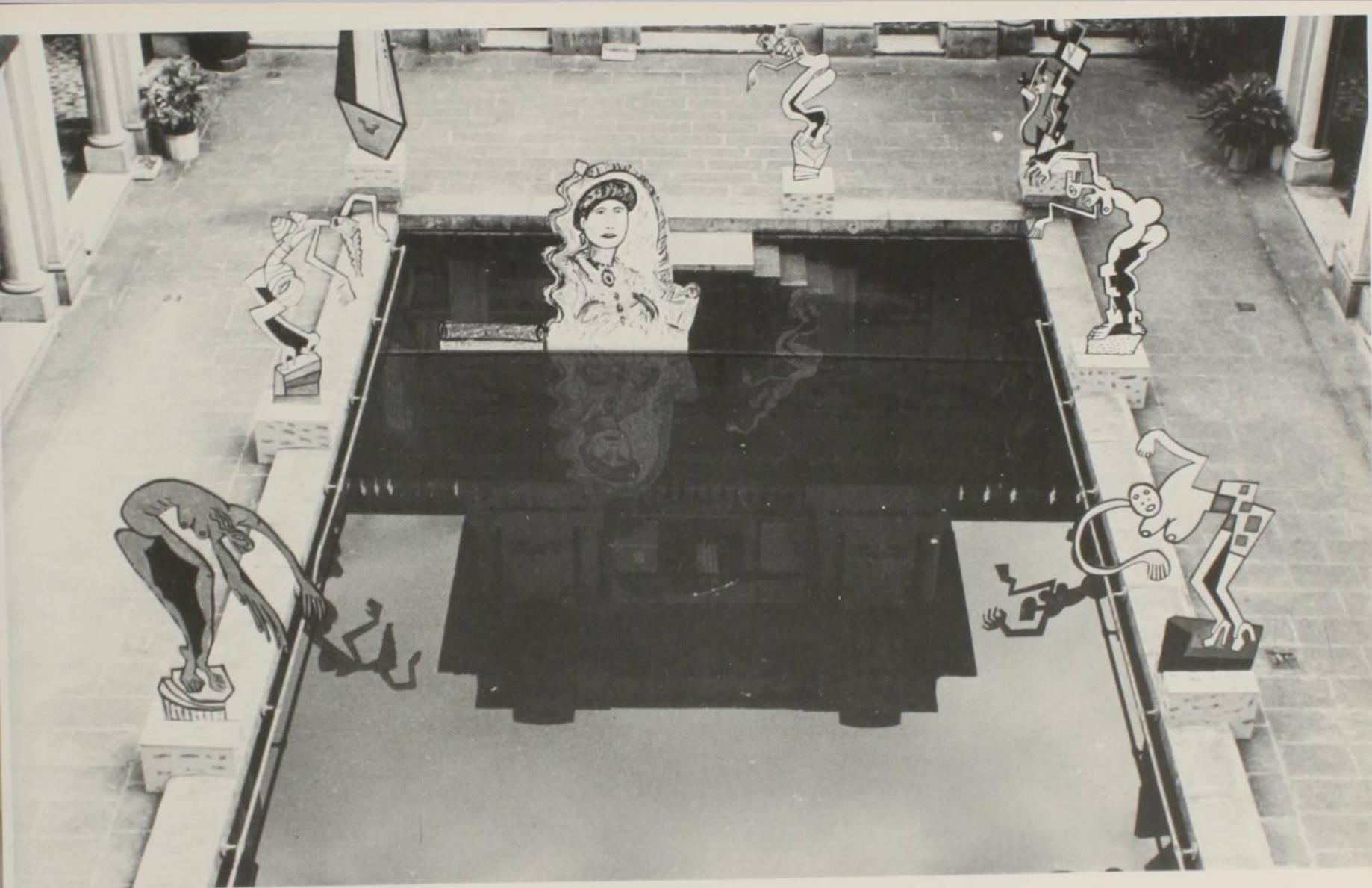
Valério Rodrigues

"A BANHISTA"

Projeto p/a piscina — TERRITÓRIO OCUPADO.

Recortes pintados. De um lado em cores e seguindo os desenhos planejados; do outro lado em preto e branco, deformando as figuras, tornando-as irreconhecíveis.

Obs.: a proporção entre os recortes não está na escala definitiva.



Victor Arruda - "As Banhistas"

XICO CHAVES

LUSZ

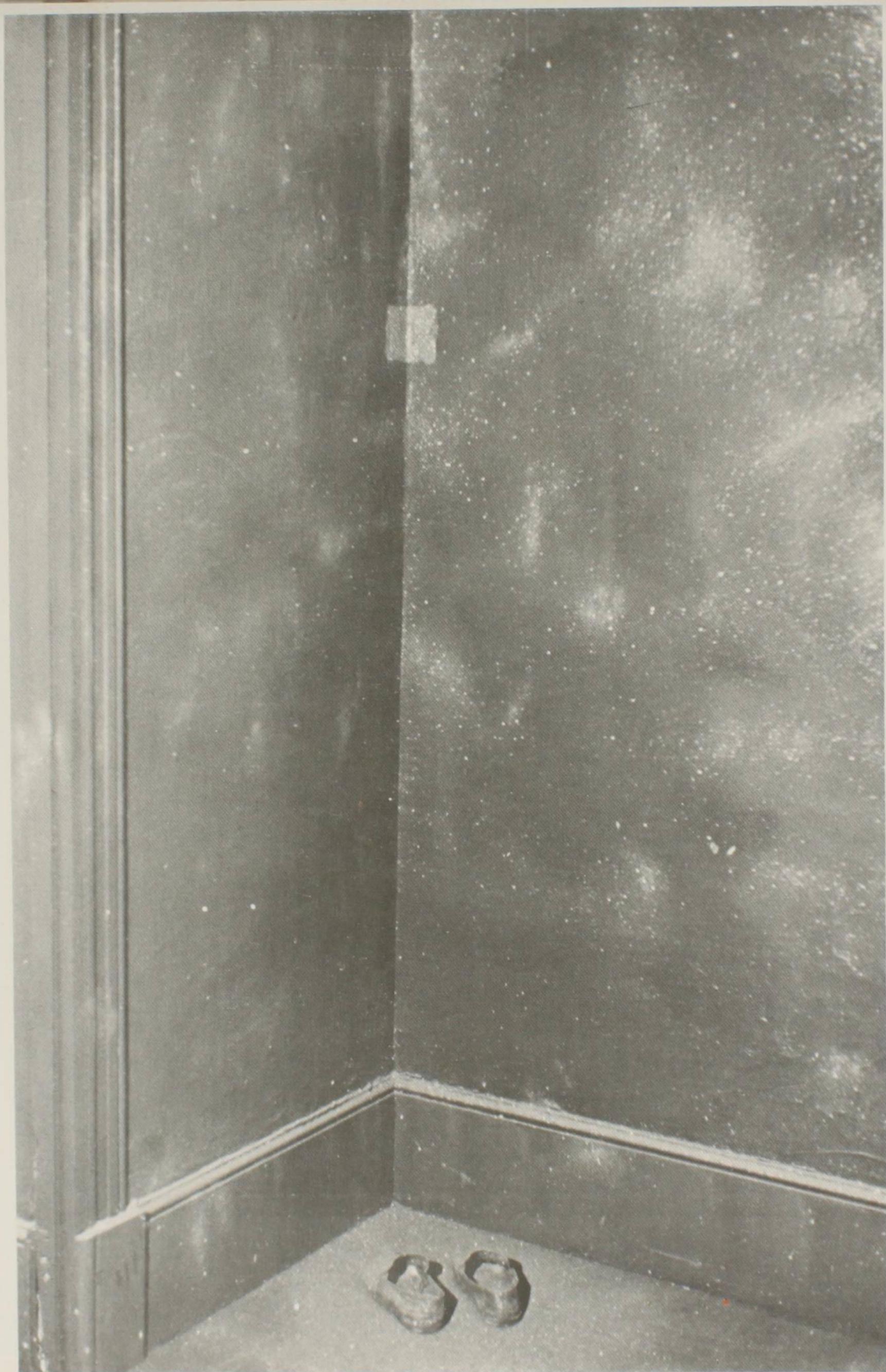
Lusz Sólida (Meteorito I e II)

Pegadas direcionadas CX-2

Performance: Formas mutantes

Coreografia e movimento:

Christianne Dardenne e Margareth



Xico Chaves - "Luz"

Escola de Artes Visuais do Parque Lage
Departamento de Cultura
Secretaria de Ciência e Cultura/ Funarj
Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador do Estado do Rio de Janeiro
Leonel de Moura Brizola

Secretário de Ciência e Cultura
Edmundo Muniz

Diretor do Departamento de Cultura
Italo Campofiorito

Vice-presidente da Funarj
Sergio Pereira da Silva

Coordenador do departamento Artes Visuais/Funarj
Adriano de Aquino

Diretor da Escola de Artes Visuais
Marcus de Lontra Costa

Curadores da exposição "Território Ocupado"
Marcus de Lontra Costa e Sandra Mager

Coordenação e produção executiva
Guy Dimanche e Marcelo Fonseca

Projeto Gráfico
Eliane Jobim

Fotolito
Organizações Beni

Impressão

LAMGRAF

Fotos

Ivan Lima

EVENTO PERFORMÁTICO

"O CORTEJO DA GALINHA BELINA
IN-COR-POR-AÇÃO

"00 PONTOS"

Realização:

Lia do Rio, Gustavo Braga, Lucia Sá, Sandra O.,
Ricardo Tamm, Regina Peçanha, Franco Cístaro,
Silvana Soriano, Zé Peixoto, Walter Guerra, Humberto
Belasco, Inês (vídeo), Marcos, Louis Pastorelli, Henrique.

Colaboração:

Paula Joony, Flávio, Mauricio Theo, Heloisa,
Marcio Espada, Otto, Tereza, Christine.

Agradecimentos:

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro
Revista MÓDULO
Paulo Estelita Herkenhoff

